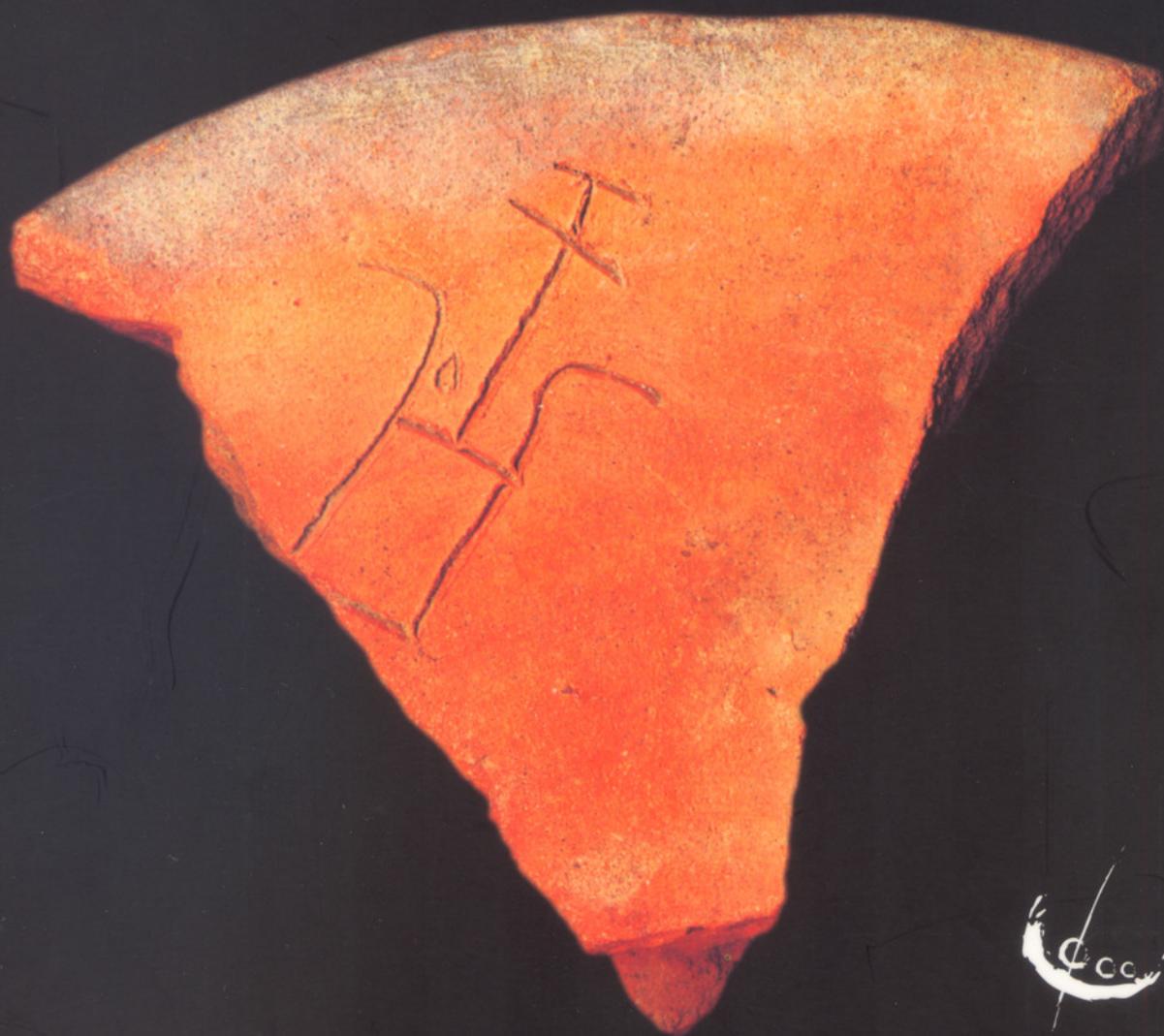


**Olaria da Mata da Machada
Cerâmicas dos Séculos XV-XVI**



Ficha técnica do Catálogo

Olaria da Mata da Machada
Cerâmicas dos Séculos XV-XVI

Produção de texto: Rosalina Carmona, Cátia Santos
Desenho Arqueológico: Cátia Santos
Fotografia: Guilherme Ferreira
Capa, Paginação e Design Gráfico: Catarina Cabrita
Tratamento de Imagem: António Camarão
Tiragem: 500 exemplares
Edição: C.M.B. – Departamento de Educação e Cultura, Sector do Património
Data de edição: Maio de 2005
Depósito Legal: 227529/05
ISBN: 972-98127-8-0
Impressão: Simões e Gaspar Lda.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Ficha Técnica da Exposição

Olaria da Mata da Machada
Cerâmicas dos Séculos XV-XVI

Coordenação: Rosário Gil
Textos: Rosalina Carmona
Desenho Arqueológico: Cátia Santos
Fotografia: Guilherme Ferreira
Concepção Gráfica: António Camarão
Conservação e Restauro: Rui Romeira, Paulo Jorge Rosa
Impressão: XPrint
Animação em 3D Studio - Max: Jorge Pires

Apoio - RECER

Maio 2005

Câmara Municipal do Barreiro
Rua Miguel Bombarda, Paços do Concelho
2830-355 Barreiro
Tel. 212 068 000
Fax. 212 160 451

**Olaria da Mata da Machada
Cerâmicas dos Séculos XV-XVI**

Índice

1. Uma Olaria dos Séculos XV/XVI na Mata da Machada	5
2. Contexto Histórico Local	6
3. Território e Recursos	8
3.1.A madeira	8
3.2.Os <i>barreiros</i>	10
4. O ofício de oleiro através de um <i>Regimento</i> de 1572	12
5. Atitudes e Hábitos Alimentares	13
6. Produção Cerâmica da Mata da Machada	14
Tipologias, formas e funcionalidades	
6.1. Serviço de Mesa e Cozinha	15
6.2. Serviço de armazenamento e transporte	20
6.3. Contentores de Fogo	22
6.4. Cerâmicas de Exportação	23
6.5.Outras formas	25
7. Marcas de Oleiro? e outros signos	29
8. Outros Conjuntos Cerâmicos	30
8.1. Cerâmicas de Santo António da Charneca	30
8.2. Cerâmicas de Coina	31
8.3. Cerâmicas do Pinhal das Formas	33
9. Bibliografia	35
10. Catálogo de Peças	39

1. Uma Olaria dos Séculos XV/XVI na Mata da Machada

Em 1980, o achado singular de um grande vazadouro cerâmico, em plena Mata Nacional da Machada, levou à descoberta de uma jazida arqueológica da maior importância histórica.

No ano seguinte, sob a direcção de Cláudio Torres, foram iniciadas as campanhas arqueológicas num dos primeiros fornos cerâmicos dos séculos XV/XVI conhecidos em Portugal. Nele foram produzidas formas de índole industrial - formas de pão de açúcar e biscoito -, cerâmica comum, cerâmica brunida e esmaltada e materiais de construção (tijolo e a telha).

O estudo do espólio exumado conduziu à definição de tipologias cerâmicas da olaria da Baixa Idade Média, quase inexistentes e pouco estudadas até então. O espólio proveniente desta olaria veio preencher muitas lacunas sobre o conhecimento do quotidiano da população portuguesa, nomeadamente dos seus hábitos alimentares, através dos recipientes utilizados na cozinha e à mesa. Veio igualmente trazer nova luz acerca da influência árabe na produção cerâmica, na fase de transição da Baixa Idade Média para a época Moderna. Neste aspecto se incluem as várias trocas de ideias e influências estilísticas entre os centros produtores existentes no território espanhol, nomeadamente no Sul.

A laboração do forno situa-se cronologicamente entre 1450 e 1530, datação conferida pelo espólio numismático recolhido no local.

A riqueza e diversidade do conjunto cerâmico da Mata da Machada, representam um testemunho singular da vida material da sociedade dos Descobrimentos, e levam-nos de volta ao quotidiano da população local, aos seus hábitos alimentares, às suas tecnologias, em suma à sua cultura.

Mais de 20 anos passados sobre a realização da primeira escavação arqueológica na olaria da Mata da Machada, este importantíssimo acervo volta ao contacto com o público. O olhar que



recai sobre estes objectos com mais de 5 séculos de história, interroga-se, interpreta, porfiando na busca do conhecimento.

2. Contexto Histórico Local

Entre os séculos XV e XVI, regista-se um dinamismo económico bastante sensível, na *Outra Banda* – designação quinhentista dos actuais concelhos de Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete –, relacionado com as actividades da expansão.

Vocacionada desde sempre para a produção e o abastecimento do mercado lisboeta, com produtos como a lenha, o vinho, a pesca e o sal, a Margem Sul, começa a partir do século XV, a registar um incremento da indústria moageira. (LEAL; e VALEGAS;1993)

As crescentes necessidades de consumo de Lisboa, capital do império e do comércio universal, e de importante número de fidalgos e burgueses ligados aos negócios ultramarinos; fomentaram uma época de certa prosperidade e fulgor económico e cultural na região, que se reflectem ao nível arquitectónico, com a construção de igrejas e conventos.

Todo este labor foi deixando inúmeros vestígios e testemunhos no território e na paisagem, que ainda hoje é possível identificar e atestam, passadas e prolongadas actividades, que parecem culminar na época de quinhentos. (TORRES; s.d.)

Com especial relevo o Barreiro teve o seu nome ligado à expansão marítima desde o seu início, pois aqui laboraram várias indústrias consideradas essenciais para o êxito da aventura portuguesa. No complexo real dos Fornos de Vale de Zebro, era fabricado o biscoito para abastecimento das armadas, e na Feitoria da Telha localizava-se um importante Estaleiro Naval. Finalmente, no forno cerâmico da Mata da Machada, eram feitas, moldadas e cozidas, milhares de peças cerâmicas, posteriormente embarcadas para os engenhos açucareiros insulares.

Estamos perante três exemplos bem expressivos, que testemunham a importância deste concelho na época dos Descobrimentos.

Por outro lado, a *Outra Banda* e em particular o Barreiro, tornou-se uma zona especialmente atractiva para as elites da época, que aqui tinham grandes domínios e onde passavam épocas de veraneio. (CARMONA; 2004; 24)

São vários os exemplos de fidalgos de linhagem, ou senhores de grande estatuto - conferido pelas missões político-militares que desempenharam ao serviço da coroa no período dos Descobrimentos -, que investiram os seus proventos em propriedades fundiárias ou, na próspera indústria moageira, contribuindo para o desenvolvimento e a crescente importância económica que a região veio a adquirir.

Ao nível local, exemplificam-se os casos de Fernão Lourenço da Mina, que durante mais de meio século serviu a coroa na administração da Casa da Mina e Índias, entre outros cargos de elevada importância que desempenhou. Fundou a actualmente extinta Igreja de Santa Margarida do Lavradio, por volta de 1490.



2. A já desaparecida igreja de Santa Margarida no Lavradio (séc. XV)

Brás de Albuquerque, cuja presença assídua no Lavradio se faz notar, filho natural do conhecido Vice-Rei da Índia, era senhor da Quinta do Meloal, onde passava temporadas. Seu pai, Afonso de Albuquerque, que instituiu um morgado em Alhos Vedros, composto por várias courelas de pinhal, um dos quais o *Vale de Amoreira*. (CARMONA; 2004; 27)

Outra figura de relevo ao nível local foi Dona Francisca de Azambuja, esposa do cavaleiro Álvaro Mendes de Vasconcelos, fundadora e padroeira do convento da Madre de Deus.



3. Convento da Madre de Deus (séc. XVI)

Igualmente Jerónimo Dias, cavaleiro da Casa Real e escrivão dos Fornos de Vale de Zebro, adquiriu um moinho de dois engenhos em Coina, a Francisco da Maia contador do rei na Índia. (LEAL; 1998; 5)

Um outro exemplo, este no domínio do saber e da cultura, surge na figura de Álvaro Velho *do Barreiro*, caso paradigmático que documenta a ligação do Barreiro à expansão ultramarina. O autor do diário da viagem de Vasco da Gama à Índia, noticia os acontecimentos daquela histórica viagem de forma objectiva e clara, num documento único no género naquela época que, poderia ser classificado ao melhor nível no plano da literatura náutica e das viagens transoceânicas. (PROENÇA; 1998; 339)

3. Território e Recursos

3.1. A madeira

O aproveitamento dos recursos naturais como a lenha e a madeira em que a *Outra Banda* era farta e rica, e, as excelentes condições geográficas dos esteiros do Coina, via de penetração por excelência para o Sul, proporcionaram a instalação de um complexo proto-industrial, cujos Fornos Reais de Vale de Zebro são o testemunho mais evidente.

Este complexo, presumivelmente aqui estabelecido desde o século XIV (COSTA e ALMEIDA; 1844; 58), era constituído por um moinho de maré com 8 moendas e 27 fornos, onde se produzia o biscoito necessário ao provimento das armadas portuguesas. A sua instalação neste local, beneficiou em grande medida da charneca que cobria toda a região, fornecendo abundância de lenha e carvão, indispensáveis ao funcionamento dos fornos.



4. Fábrica Real do Biscoito em Vale de Zebro (edifício pombalino). Museu do Fuzileiro

João Brandão de Buarcos dá conta em 1552, da existência em Lisboa de 500 fornos de cozer pão; 19 de cozer cal; tijolo 10; fornos cerâmicos de cozer louça de barro vermelho e vidrado 60; de biscoito 5; e, de vidro 2 fornos. (BUARCOS; 1990; 87)

Lisboa vai buscar a lenha para se aquecer, cozinhar e consumir no seu quotidiano, às matas da *Outra Banda*, a qual era descrita por Nicolau de Oliveira, no início do século XVII, como uma imensa gândara, coberta de pinhal e montado de sobro, com mais de vinte léguas de extensão. (OLIVEIRA;1620;542)

A abundância em madeira deu origem a uma indústria de construção naval, a Feitoria da Telha que, embora documentada apenas a partir do século XVII (MAURO;1989;73), pressente-se contudo, a sua existência em épocas anteriores, pela função de complementaridade que desempenhava, relativamente à Ribeira das Naus em Lisboa.

A madeira de sobro era utilizada para a construção das cavernas dos navios, servindo o pinho para o tabuado dos costados e mais obra dos interiores. (OLIVEIRA; 1620; 542)



5. Antigo Estaleiro Naval na Ribeira Telha

A vastíssima mata que cobria toda a região, foi certamente o factor determinante, para a instalação de uma olaria em plena Mata da Machada, durante o século XV. A proximidade e a abundância do combustível eram condição essencial para a laboração do forno. Por outro lado, a região oferecia igualmente riqueza em matéria-prima, imprescindível ao fabrico das peças, por via da composição química dos seus solos, ricos em argilas de boa qualidade.

3.2. Os barreiros

Augusto Gomes de Araújo, em 1865 descrevia do seguinte modo a geomorfologia dos solos do Barreiro:

«O solo do concelho é produzido por terrenos de formação terciária marítima em que afloram as áreas soltas muito semelhantes às de Sologne, isto sobre tudo na parte norte do concelho; ao sul já o elemento argiloso é mais abundante, constituindo mesmo pequenos veios, sobretudo na encosta oriental da mata de Vale de Zebro, onde vem terminar a grande planície de Santo António da Charneca e parte da Barracheia.» (ARAÚJO; 1985; 22)

Do mesmo modo, o Relatório Florestal elaborado por Bernardino Barros Gomes sobre as Matas da Machada e Vale de Zebro ao Ministério das Obras Públicas em 1865, refere a abundância de veios de barro próximos da superfície, na zona de Vale de Zebro.

As argilas provenientes das terras adjacentes à Ribeira de Coina são consideradas por Horácio Alves como as melhores (ALVES; 1940; 10) e o seu solo aluvial é composto por espessos bancos caulínicos de cor branca (VIANA; 1989; 138). São charnecas arenosas [...], cujos solos têm como elementos constituintes [...] areias soltas, a argila, o saibro. (VENTURA; 2000; 20)

A exploração das argilas locais, especialmente na área de Coina, parece datar de há muito, ou, pelo menos já assim era no século XV, como se comprova por um documento de 1460, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que nos dá a conhecer a existência de *barreiros* em Coina.⁽¹⁾

Trata-se de uma sentença em que Luís Martins morador na Vila de Coina é acusado de ter retirado dos *barreiros de couna*, uma quantidade de barro sem autorização do Mosteiro de Santos-o-Novo, donatário da Vila de Coina. Segundo o documento *«Era verdade que a senhora comendadeyra e donas do dito moesteyro tynhã enprazado a Lucas Bornaldes oleyro morador no aRavalde da dita cidade [de Lisboa] que outro sy presente estava todo o barro que elle poder tirar em todollos termos da dita sua Villa de Couna»*⁽²⁾ e que Luís Martins *«por sua propria autoridade mādara tirar e cavar do dito barro a çertos homees da dita cidade»* de Lisboa, não tendo permissão para tal.

A questão terminou com uma reunião no Mosteiro, em que a Comendadeira e Lucas Bernardes, acordaram entre si com Luís Martins, que este podia ficar com uma certa porção do barro extraído - uma barcada -, que ele poderia vender a quem bem quisesse.

«...que por ora que o dito Luís Martins ouvesse para ssy ou para qu? lhe aprouvesse hua bar-

(1) Refira-se aqui, apenas em breve nota, a designação de barreiro, dada ao local de onde são extraídas as argilas. Certamente que o surgimento do topónimo Barreiro, não será obra de mero acaso, mas antes estará relacionado com a constituição e características geomorfológicas de um dado território. É uma evidência já antes enunciada por vários autores, mas que a documentação aqui em análise vem reforçar. No concelho do Barreiro existe um outro topónimo, de origem medieval, que também pode estar associado na sua génese a fabricos cerâmicos. Trata-se da antiga povoação da Telha.

(2) IAN/TT, Mosteiro de Santos-o- Novo maço 61, doc. 1228

cada daquele barro que os ditos homeões ja tinham cavado».

A exploração e o aproveitamento dos barros junto à Ribeira de Coina, parece ter sido uma actividade constante ao longo de séculos, pois ainda em 1863 é possível documentar a sua continuação em Palhais, na Quinta de S. João.

Por uma escritura pública efectuada entre João Douthas, morador na Quinta das Canas e Manuel Lourenço, do Barreiro, este arrendou a Quinta de S. João, sita em Palhais, com a finalidade de ali «fazer uma experiência em uma porção de barro que fica ao Nascente da Estrada Real»⁽³⁾ de Coina. Do contrato consta que o senhorio abaterá certa quantia à renda «caso continue a tirada de barro seja ella por muitos ou poucos dias em cada um ano. Que do sítio donde saíha o barro athe á Estrada Real que fica ao poente da Quinta abrirá ele senhorio outorgante uma Estrada por onde será a servidão dos empregados na tirada do mesmo barro...»



6. Antigos *barreiros* no Barreiro. Pintura de Belmiro Ferreira. Câmara Municipal do Barreiro

O interesse deste documento reside no facto de indicar com precisão, um dos muitos barreiros perto da Ribeira do Coina que, ainda hoje, embora esporadicamente, continuam a ser aproveitados.

(3) ADS, Notarial do Barreiro, 1863, fl 28

4. O ofício de oleiro através de um *Regimento* de 1572

Em 1572 foi publicado por ordem régia, um conjunto de normas e costumes, relativos aos ofícios e profissões mais correntes naquela época. Trata-se do *Livro dos Regimentos dos Oficiais Mecânicos da Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Lixboa* (CORREIA; 1926; 142). Dele consta, entre outros, O *Regimento dos Oleiros*, o qual constitui uma fonte documental muito útil, para a compreensão das tipologias cerâmicas quinhentistas. Este *Regimento* define a terminologia e as funcionalidades das peças, tal como estipula algumas características técnicas que deveriam possuir ao sair das mãos do oleiro.

O fabrico das peças só podia ser executado por um mestre oficial que, para o efeito era *examinado*. Para se tornar oficial de profissão, este deveria dominar todo o processo de fabrico, desde temperar e amassar o barro, enfiar e cozer a loiça.

A loiça vidrada, fabricada em pequenos fornos (tipo *muffla*) incluía uma gama bastante variada de recipientes, em particular o vidrado verde era objecto de especial menção. Quanto ao modo de fabrico, o oleiro deveria saber muito bem «*fundir o chumbo em hua fornalha de modo que se faça em poo muito meudo e se peneire: saberá moer a área que se lhe bota [sílica] e peneirala: saberá deitarlhe o cobre por seu peso*».

A loiça só deveria sair do forno na presença de um juiz do mester, por forma a garantir a sua qualidade quanto à cozedura para *desengano do pouo*, pois muitas vezes era desenfiada antes de tempo, quebrando-se ao ser utilizada pela primeira vez. Se a execução da chacota não ficasse em perfeitas condições, as peças poderiam ser destruídas, segundo o *Regimento*.

Os oleiros poderiam fabricar loiça vermelha – cerâmica comum – loiça branca e cerâmica vidrada e esmaltada.

No que respeita à loiça branca, é mencionado em particular um tipo de loiça de *talaueira*(4), provavelmente de influência andaluza.

Uma forma que se constituiu em tipologia própria é a malga, cujo nome denuncia certamente as suas origens e influência, herdadas da cidade de Málaga (TORRES; s.d.). Poderiam ser de loiça vermelha ou esmaltadas.

O *Regimento* refere ainda que as escudelas poderiam ser *de feição de porcelana*.

Segundo o *Regimento*, o mestre oleiro para bem desempenhar o seu ofício deverá ter em conta o seguinte:

«*Ytem saberá muj bem fazer talhas de agoa que serão igoais da grossura do barro e tenham boões fundos e cheos:*

«*Item saberá fazer cantaros e potes para ter agoa de meo almude e atanores e quartões que será tudo muito bem feito e acabado e como cumpre saber qualqr boõ official:*

«*Item saberá fazer quaesquer panelas e azados q lhe forem demandados:*

«*Item saberá fazer muj bem almotalias pucaros e candeiros...*

(4) Talavera?

[...]

«E o [oficial] que se quizer examinar de louça vidrada verde saberaa fazer **alguidares** grandes pequenos e **frigideiras e tigellas de fogo**:

«Item **panellas** de meã arroba cada hua:

«Item **panellas** mais pequenas e de toda a sorte:

«Item **almotolias** grandes e pequenas:

«Item saberaa fazer **tachos**:

«Item **enfusas** de toda a sorte:

«Item **pratos** de toda a sorte:

«Item faraa **canos para telhados** de cinco palmos:

«Item faraa hu **feruidor**:

«Item faraa **malegas** grandes que chamão vermelhas:

«Item faraa **escudelas** de feição de porcelana:

[...]

«Item saberaa enfornar, vidrar, e cozer:

«Item mandão que todo o oleiro que fezer louça vidrada se a não exacotar lhe seia quebrada a obra que lhe for achada.

Uma grande parte das peças referenciadas neste *Regimento* encontram-se representadas no conjunto cerâmico da Mata da Machada.

5. Atitudes e Hábitos Alimentares.

As peças mais comuns no serviço de mesa da Baixa Idade Média, relacionadas com o consumo e os hábitos alimentares, destacam-se a malga, a tigela, a escudela e o prato – que se generalizam entre nós a partir dos finais do século XIV. (TORRES; 1985; 293)

A mesa real, ou o banquete da mais alta nobreza medieval, não exibem ainda o prato nem o copo, ou sequer o talher. Os únicos instrumentos utilizados eram as facas, para cortar pedaços da peça de carne ou de peixe, apresentada em grandes recipientes (MATTOSO; 1983;148) e as *viandas* eram acompanhadas com grandes fatias de pão. São frequentes as gravuras de banquetes no século XIV, em que se vê um pão diante de cada conviva.

Nos finais da idade medieval começam a estar em uso, uns instrumentos em madeira, denominados *talhadores*, sobre os quais se colocavam as iguarias para serem consumidas. (FERRO;1996; 37)

Os recipientes de carácter individual são mais tardios, e, prenunciam já uma confecção e apresentação mais elaborada dos alimentos, ao invés dos cozinhados simples, como os assados e cozidos.

São as peças de pequenas dimensões e utilização individual, que sugerem uma nova atitude

cultural perante a mesa (TORRES; s.d.), distinta do repasto medieval, apresentado em grandes recipientes de onde todos se servem.



7. Cena quotidiana numa grande casa senhorial. O serviço de mesa é ainda muito reduzido, compondo-se apenas de grandes taças e talhadores em madeira. Livro de Horas de D.Fernando (séc. XV-XVI). Museu Nacional de Arte Antiga.

6. Produção cerâmica da Mata da Machada

Tipologias, formas e funcionalidades

A produção cerâmica da Mata da Machada integra-se na tradição oleira da Baixa Idade Média e início da Época Moderna, no que concerne aos recipientes de uso doméstico e utilitário, associados aos hábitos alimentares.

O espólio cerâmico agrupa-se em duas grandes categorias: cerâmica de uso quotidiano e cerâmica para exportação. Na primeira categoria, representada por uma grande diversidade de peças, quer quanto às formas, quer quanto à funcionalidade, nem sempre foi possível estabelecer paralelos bibliográficos, o que, de certa forma, tornou mais complexa a descrição e contextualização das peças.

Trata-se de loiça de uso doméstico, onde predominam os recipientes utilizados quotidianamente. O segundo grupo, dominante no conjunto de toda a produção, é constituído pelas formas de pão de açúcar, destinadas à exportação para os engenhos açucareiros insulares, com duas tipologias de diferentes dimensões. Encontram-se bem referenciadas desde a publicação dos primei-

ros resultados da escavação, no início dos anos 80. (TORRES; s.d.)

O registo arqueológico forneceu igualmente um tipo de peças cerâmicas, associadas desde então ao fabrico do biscoito em Vale de Zebro, as chamadas formas de biscoito.

6.1. Serviço de mesa e cozinha

Foram incluídas no serviço de mesa e cozinha as cerâmicas destinadas ao consumo, confecção e preparação dos alimentos; as vasilhas de armazenamento e transporte, e, por fim, outras peças também em uso no serviço doméstico, como contentores de fogo.



Tipologia de Escudelas

Escudela

Trata-se de uma peça com destaque no serviço de mesa. Caracteriza-se pela utilização de carácter individual e a sua função é conter alimentos líquidos ou liquefeitos.

Apresenta corpo hemisférico aberto, o bordo alto de perfil recto com lábio biselado; o bojo aparece acentuado por carena na maior parte dos exemplares; as bases são rasas ou apresentam um pé anelar. O acabamento é em geral vidrado, verde ou amarelo melado. Em menor quantidade registam-se também exemplares com acabamento esmaltado a branco. Por vezes apresentam pegas laterais.

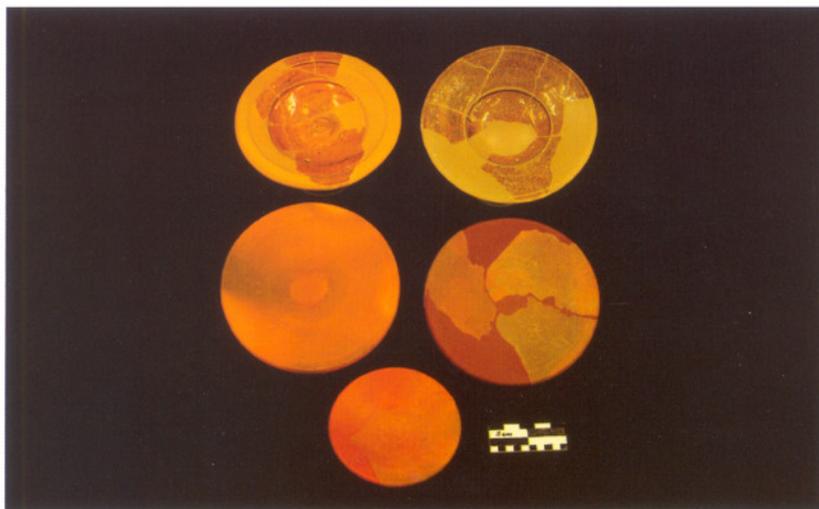
De um modo geral estes modelos foram identificados em Cascais (CARDOSO; RODRIGUES;1985;585), em Palmela (FERNANDES e CARVALHO;1993;75) e no Porto (OSÓRIO e SILVA;1998;307).

Pratos

O prato é uma peça importante no serviço de mesa. A sua função é conter alimentos sólidos. Caracteriza-se pela sua forma aberta; corpo cilíndrico ou troncocónico; bordo de perfil sub-horizontal.

Foi diminuindo de volume, até atingir dimensões menores nos finais do século XIV. Variam em profundidade e dimensão, podendo apresentar fundo raso ou base de forma côncava.

São uma forma abundante na produção da Mata da Machada como um pouco por todo o território português, ou onde se fez sentir a influência portuguesa ou espanhola. A par das taças e escudelas, o prato representa uma das formas de que *Sevilha foi grande produtor* (GOMES, M. e GOMES, R.; 1996;154)



Tipologia de Pratos

Os pratos de grandes dimensões ocupam algum destaque na produção da Mata da Machada, o que pode evidenciar a ideia de uma produção cerâmica muito virada para a loiça de mesa, e nomeadamente uma apetência para a loiça de carácter decorativo, com algum nível de qualidade.



Grande Prato/Taça

Para a decoração digitada e em relevo de alguns pratos grandes, não foi possível encontrar paralelos, todavia para o prato verde grande estabeleceu-se uma ponte de comparação com a pia baptismal, em cerâmica, da Igreja de Ponta do Sol, no Funchal (VIEIRA e CLODE;1996;207) originária de Sevilha, o que nos permite de alguma maneira, antever aqui um padrão de influências, proveniente do grande epicentro comercial do sul de Espanha.

Copos

Peças como o copo tinham como função o consumo de líquidos à mesa. O copo apresenta um pé em pedestal num corpo cilíndrico e pode exibir duas asas verticais. Os fragmentos existentes são de cerâmica vermelha sem revestimento para os quais não se conhecem paralelos e são similares ao exemplar completo recolhido em Coia em 1983.

Aparece também um outro tipo de copo, este porém sem pé, de base rasa e fundo plano; corpo sub-cilíndrico e pode ter uma ou duas asas verticais. Também para este exemplar não são conhecidas referências bibliográficas.

Jarrinhas ou pucarinhas

As jarrinhas parecem prosseguir um modelo formal herdado de épocas islâmicas. Destinam-se ao consumo de líquidos, mas, não é de excluir que pudessem ir ao fogo. (GOMES, e outros; 2005; 223)

Em cerâmica fina brunida, apresentam corpo globular; colo cilíndrico; bojo bitroncocónico; fundo plano e uma asa vertical.

Jarros e pequenos potes

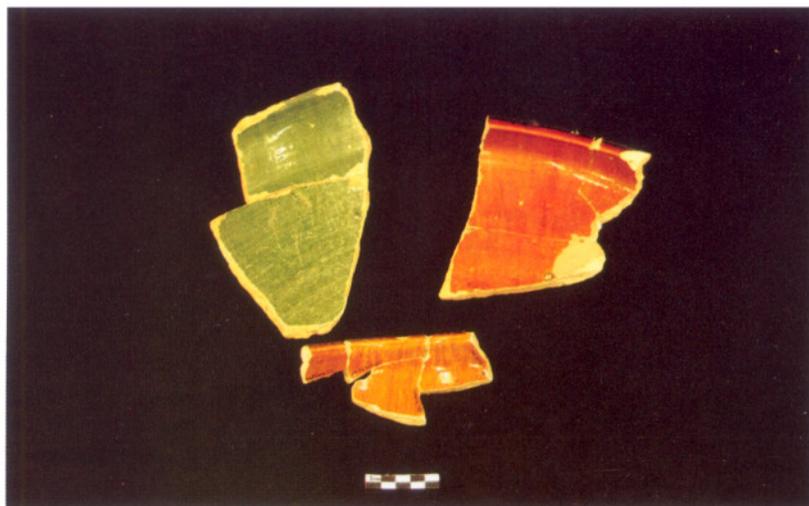
Recipientes próprios para conter líquidos, água ou vinho, podiam ir à mesa como peças de apoio, ou ser utilizados individual ou colectivamente. São peças em geral de cerâmica fina brunida, com decoração em linha de ziguezague ou apresentam revestimento vidrado verde-escuro ou melado. São peças de corpo globular, bordo vertical levemente convexo, com lábio semicircular. Apresentam em geral duas asas de secção oval, em oposição.

Não foi possível relacionar estas peças com nenhuns exemplares conhecidos.



Taças

Destacam-se ainda no serviço de mesa as taças, cujo tipo e dimensão podem ser variados, com funções provavelmente idênticas às das malgas. São recipientes abertos, de corpo hemisférico de perfil troncocónico; a base pode ser anelar ou rasa. Apresentam acabamento vidrado verde escuro melado ou sem qualquer tipo de revestimento.



Tipologia de Caçoilas

Caçoila

Utilizada na cozinha para confecção rápida de alimentos no fogo ou com a função actual da travessa, ou seja a colocação dos alimentos na mesa.

Forma aberta, com ambas as superfícies vidradas, corpo hemisférico, mais ou menos achatado, sem asas, fundo convexo, bordo espessado, com lábio de perfil semicircular. Pode apresentar decoração com caneluras no bordo.

Os alguidares

É uma peça que parece ter funções múltiplas. Este recipiente que aparece sempre na sua característica forma circular, mas com variados tamanhos, tanto poderia ser utilizado na cozinha como auxiliar na preparação dos alimentos, para amassar o pão, ou em outras tarefas do serviço doméstico como lavar a roupa, ou ainda na higiene pessoal.



Vários Tipos de Alguidares

Pode apresentar revestimento de engobe, vidro verde-escuro e amarelo melado, ou, simplesmente sem qualquer revestimento.

Panelas

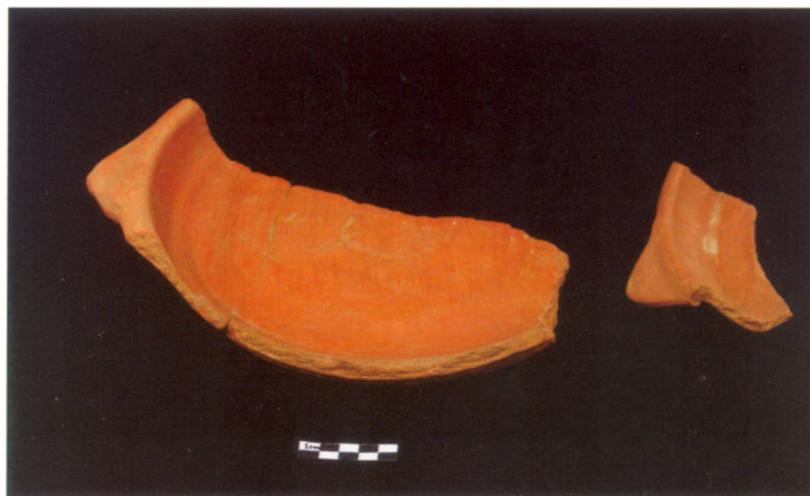
Cerâmicas de ir ao lume, directamente associadas às práticas culinárias, o seu aspecto formal parece ter sofrido poucas alterações ao longo dos tempos, continuando uma história iniciada em finais do século XII (TORRES; 1985; 293). Forma de corpo globular, colo cilíndrico, bojo troncocónico, base plana irregular e duas asas verticais.

Tachos

A sua função é predominantemente para cozinhar os alimentos no fogo, mas também podia ir à mesa com os alimentos já confeccionados. Esta forma é aberta e possui corpo hemisférico ou ovóide, base plana ou por vezes ligeiramente convexa, paredes rectas, lábio espessado e pegas laterais horizontais. Nenhum dos exemplares existentes possui qualquer tipo de revestimento, o que pode indicar uma cronologia mais antiga, uma vez que as caçoilas irão substituindo ao longo do século XVI este tipo de forma (GOMES e GOMES;1996;62).

Frigideira

É utilizada na confecção rápida (fritura) dos alimentos mas também pode ir à mesa. É uma forma aberta de corpo hemisférico, para a qual não foi possível estabelecer paralelos. Apresenta bordo extrovertido, com lábio de secção semicircular, duas pegas horizontais opostas, e fundo de perfil plano ou ligeiramente convexo.



Frigideiras

A superfície interna e externa pode apresentar acabamento brunido.

Testos

Os textos ou tampas eram usados para tapar panelas, cântaros ou bilhas. Têm pequena base plana, perfil troncocónico com inflexão externa e o lábio boleado simples. No centro possuem um botão de preensão de perfil esférico ou cilíndrico. Parecem prosseguir um conhecido modelo de tradição islâmica.



Testos e Tampas

Tampas (?)

Tratam-se de dois fragmentos de peças diferentes. São formas fechadas de configuração troncocónica invertida e base circular. O topo da tampa encontra-se truncado e apresenta elementos decorativos numa série de alvéolos dispostos de forma circular concêntrica em torno da zona truncada. Esta decoração encontra paralelos de comparação em algumas peças de olaria tradicional, produzidas actualmente em Agost, Alicante, (Espanha). Tratam-se de cerâmicas para água, os *botijos*. (SCHÜTZ; 1992; 223)

6.2. Serviço de armazenamento e transporte

Este conjunto é constituído pelas peças destinadas ao armazenamento e transporte de líquidos, sobretudo água, e encontram-se representados pelos cântaros, as bilhas e o barril. Existem também alguns fragmentos que sugerem formas como o pote ou talha.

O Cântaro

É uma forma relativamente comum na Mata da Machada. Trata-se de um recipiente fechado, de corpo globular ou ovóide alongado, com gargalo alto liso, mas pode apresentar decoração em nervuras horizontais; assenta em fundo plano. Caracteriza-se por possuir duas asas largas e

opostas de grandes dimensões, com secção convexa-côncava, que ligam o bojo ao gargalo. Esta peça encontra-se representada em gravuras do século XVI, como o *Livro de Horas de Bretiandos* da Academia de Ciências de Lisboa.



Cântaros

As Bilhas

São recipientes fechados, de pequena e média dimensão, para conter ou conservar líquidos, especialmente água. Apresentam fundo raso, bojo globular ou ovóide.

O Barril

Recipiente fechado, destinado a armazenar líquidos, preferencialmente água fresca. Foram identificadas peças semelhantes em Inglaterra, em contextos do século XVI, associadas a cerâmicas de importação ibérica. (TORRES; 1985; 293)



Fragmentos de Barril

Possui corpo globular de perfil ovóide alongado, gargalo estreito de lábio extrovertido semi-circular. Caracteriza-se por possuir duas asas verticais na parte superior do bojo. A base não está determinada mas, as peças apresentam na face interior estrias verticais, provocadas durante o processo de fabrico. Estas estrias indicam que a peça seria modelada em forma de balão e totalmente fechada. Depois de concluída, o oleiro deitava a peça e abria um orifício no bojo onde colocava o gargalo, feito separadamente. Nas extremidades laterais e a meio do bojo eram coladas as asas.

Assim sendo, o barril não podia ser colocado numa superfície plana, devendo por isso ficar suspenso, ou então, pousado directamente sobre a terra.

É possível identificar esta forma, cuja morfologia é tão singular, em gravuras do século XVI, nomeadamente no *Livro de Horas de D. Manuel*, sempre claramente associada aos trabalhos agrícolas, onde aparece representada assente na terra ou suspensa em árvores.

6.3. Contentores de fogo

Na categoria de contentores de fogo aparecem a candeia, o candil de pé alto - cuja funcionalidade é a iluminação -, o fogareiro e uma outra peça que sugere um assador, estas destinadas a contentor fogo para a confecção dos alimentos.

Candeia

Está caracteristicamente associada à função de iluminação. Esta peça apresenta um reservatório trilobado de perfil troncocónico invertido, para conter o azeite; a extremidade possui um bico formado por paredes que convergem para o interior, do qual sai o pavio.



Candeia de Pé Alto

Candeia de pé alto

Esta forma de tradição tardo-andaluz (ROSSELLÓ-BORDOY; 1991; 86) constitui-se pelo reservatório trilobado e parte do pé tubular. É visível ainda o arranque da asa de secção ovalada, sob

o reservatório.

Ambas as superfícies estão cobertas de vidro verde-escuro, brilhante. O candil de pé alto apresenta analogias morfológicas com o exemplar de Santo António da Charneca. (BARROS; CARDOSO; GONZALEZ; 2000;72)

Assador (?)

Utilizado na confecção dos alimentos. Esta peça é constituída por um fragmento de parede, divisória e arranque de duas pegas verticais opostas. Oferece corpo de perfil tronco-cônico, duas asas opostas e divisória circular, perfurada por seis orifícios dispostos em círculo e um sétimo ao centro. Apresenta cobertura de vidro verde escuro.

Fogareiro (?)

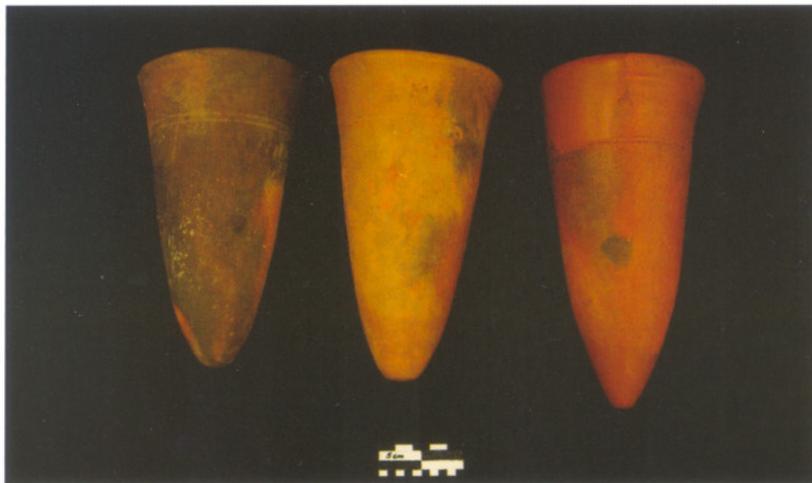
Esta peça é constituída por um fragmento contendo parte da grelha de um possível fogareiro. Não possui qualquer tipo de revestimento. É uma peça de forma discoidal, totalmente plana, com quatro orifícios ao centro e indícios de mais seis na cercadura.

6.4. Cerâmicas para Exportação

Formas de Pão de Açúcar

A importância do açúcar na economia dos Descobrimentos fez deste produto, considerado raro, um dos mais dispendiosos do Reino, com múltiplas aplicações, desde condimento culinário a especialidade farmacêutica.

A olaria da Mata da Machada produziu milhares de formas para serem utilizadas no fabrico do açúcar. Recipientes de uso industrial, estas formas são utilizadas na purga do açúcar, desde o século XIV nos engenhos mediterrânicos. (TORRES; 1983.)



Formas de Pão de Açúcar

Notando em simultâneo que, a cronologia estabelecida para laboração do forno da Machada coincidia com o ciclo açucareiro da Madeira, e a existência destas formas na heráldica madeirense desde o século XV, Cláudio Torres admite a hipótese de exportação para esta ilha, onde não existiam barros apropriados ao fabrico de cerâmicas. Posteriormente, com a decadência da produção açucareira madeirense em meados do século XVI, começam a surgir no Brasil o mesmo tipo de formas. A silhueta característica do monte Pão de Açúcar, dominando o Rio de Janeiro é bem sugestiva quanto ao modelo original. (TORRES; 1983.)

O mesmo tipo de formas foram identificadas em Marrocos, Barcelona, Oliva (TORRES; s.d.) e Gandia junto a Valência. (GISBERT SANTOJA; 2000; 285)

As formas açucareiras da Machada caracterizam-se pela sua feição em forma de sino, com um orifício na extremidade, por onde escorria o melaço, durante o processo de purificação do açúcar.

A produção oleira da Mata da Machada apresenta duas variantes, quanto à dimensão do mesmo tipo de forma açucareira, uma mais pequena, com 40 cm de altura e 20 cm de largura de boca. aproximadamente, denominada tipo I e outra, com dimensões superiores, consideradas prejudiciais ao fabrico do açúcar e que, por isso mesmo terá deixado de ser fabricada, denominada tipo II. Os fragmentos deste tipo são pouco significativos, relativamente à tipologia I.

A forma de purga do açúcar ou 'pão de açúcar' tipo I, caracteriza-se pela sua configuração troncocónica invertida; boca ampla; paredes grossas divergentes; lábio boleado; base perfurada por pequeno orifício circular.



Formas de Pão de Açúcar
Tipo I e Tipo II

A forma tipo II caracteriza-se pelas suas grandes dimensões e aspecto troncocónico; boca ampla; paredes grossas divergentes e bordo extrovertido com inflexão dupla. A base termina com saliência de forma anelar com um orifício ao centro.

6.5. Outras formas

O conjunto cerâmico proveniente das escavações arqueológicas da Mata da Machada, inclui para além das formas anteriormente apresentadas, um outro grupo de peças como as formas de biscoito, trempes de enformamento, pesos de rede e materiais de construção, como a telha e o tijolo.

Existem ainda alguns fragmentos que se podem enquadrar ao nível dos objectos de carácter decorativo, ou lúdico, constituídos por representações de animais (equídeos) e um apito ou flauta.

Formas de Biscoito

Desde a realização da primeira intervenção arqueológica na Mata da Machada em 1981, ficaram associadas ao fabrico do biscoito umas peças cerâmicas, denominadas a partir de então formas de biscoito. Estas peças caracterizam-se pela sua forma discoidal, com dimensões variadas e apresentam decoração.

Segundo Cláudio Torres, estas formas poderiam estar relacionadas com a tradição açoriana do



bolo do Pico «em que a massa de pão é espalmada e cozida sobre uma placa de cerâmica assente no fogareiro. Seria, talvez, uma das maneiras de fazer pão durante as longas travessias marítimas e perdura na tradição insular» (TORRES; s.d.).

O número de fragmentos existentes é pouco representativo no conjunto de todo o espólio cerâmico e apresenta variantes: umas cujas dimensões podem atingir mais de 60 cm de diâmetro, com um bordo boleado espessado e o corpo central é preenchido com cinco círculos

concêntricos digitados que formam relevo. Alguns destes exemplares combinam a impressão com a incisão de recorte ondulado.

Existem outros exemplares que, apresentam, de um modo geral, dimensões mais reduzidas e o corpo da peça é totalmente liso, excepto nos seguintes casos:

1. Em 3 fragmentos foram incisos círculos concêntricos com um instrumento;
2. Um fragmento no qual parece ter sido digitado um carácter;
3. Um fragmento que apresenta grafitos.

Em Paterna (Espanha), foram identificadas peças com algumas semelhanças a estas, em olarias de cronologia do século XIV, associadas ao fabrico no torno, denominadas “rodells” (MESQUIDA GARCIA; 1992; 235).

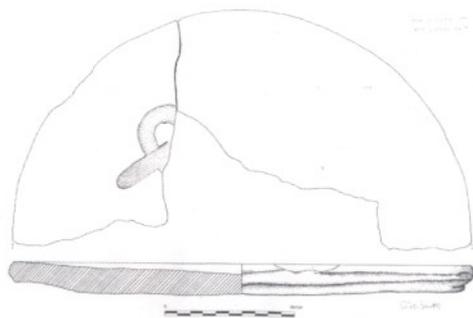
A sua função era servir de suporte para a construção de peças de grandes dimensões e os círculos constituíam um ponto de referência para o oleiro, para centrar a peça a levantar. «Se os recipientes a fabricar eram de grande tamanho (talhas, panelas, alguidares), o oleiro colocava sobre o prato do torno umas grandes placas circulares de cerâmica, os “rodells” e sobre eles fazia estas peças que eram colocadas a secar sobre os mesmos “rodells”» (MESQUIDA GARCIA; 1992; 235).(1)

Peças semelhantes às da Mata da Machada foram referenciadas no forno de Santo António da Charneca (BARROS; CARDOSO; GONZALEZ; 2000;72), onde um exemplar apresenta caracteres digitados com a palavra “pan”.

As peças de olaria da Mata da Machada poderiam enquadrar-se em ambas as descrições referidas pelo que se conclui da necessidade de aprofundamento da investigação e cruzamento com outras fontes, nomeadamente, as listagens de cargas de navios, para tentar perceber se estas peças existiam a bordo; ou, se este tipo de utensílios eram utilizados pelos oleiros portugueses, exemplo do que acontecia em Espanha.

Alguns destes exemplares combinam a impressão com a incisão de recorte ondulado, não sendo perceptível se se trata de marcas de oleiro, ou de simples decoração.

(1)Tradução livre



Fragmentos de Formas de Biscoito

Trepes

Eram utilizadas para separação das peças vidradas, quando estas eram colocadas em castelo no forno, deixando a característica marca em tripé no interior das peças. Apresentam pingos coloridos resultante do esmalte das peças. Foram identificadas peças semelhantes nos fornos cerâmicos de Paterna para cerâmicas do século XIV (MESQUIDA GARCIA; 1992; 238) e Santo António da Charneca para os séculos XV-XVI (BARROS; CARDOSO; GONZALEZ; 2000;74).

Pesos de Rede

Eram utilizados na pesca, sendo também denominados pesos de caco. Possuem corpo cilíndrico, achatado numa das extremidades e uma ranhura com perfuração para passagem do fio que os ligava às redes.

Objectos de carácter decorativo/lúdico (?)

Não é perceptível a função destas peças, provavelmente poderão classificar-se como elementos decorativos. A sua classificação como peças de carácter lúdico (brinquedos) parece mais melindrosa, por não se conhecerem termos de comparação.

Cavalo (?)

Trata-se de um fragmento de peça decorativa avulsa, constituída pela cabeça de um equídeo. A peça não mostra qualquer tipo de revestimento mas denota-se intenção decorativa. São visíveis as crinas, uma delas aproveitada para constituir um dos olhos, e as narinas construídas a partir de dois sulcos profundos no focinho. Encontra-se fragmentada ao nível da mandíbula superior.



Cabeça de Equídeo

Cavalo (?)

Fragmento de peça decorativa avulsa, com a representação de um equídeo. Não tem qualquer tipo de revestimento mas manifesta intenção decorativa. Encontra-se truncada ao nível das orelhas, das pernas e do dorso, mas são visíveis os olhos e a boca estilizados e as narinas.

Apito ou Flauta

Esta peça parece não oferecer grandes dúvidas quanto à sua funcionalidade, pois indicia tratar-se de um objecto cuja função será a de emitir sons, através de sopro. É uma peça completa que apresenta o bocal, os canais de passagem do ar e o local de contacto com o suporte, possivelmente em material perecível.

Possui corpo tubular, levemente irregular, com pequena saliência perfurada ao centro que constitui o canal de passagem do ar.

Não foi possível identificar paralelos para esta peça.

7. Marcas de oleiro (?) e outros signos

A existência de alguns fragmentos cerâmicos com marcas e desenhos inscritos levou a considerar a hipótese de se tratar de marcas de oleiro.

Registam-se cinco ocorrências com signos diferentes, em que as marcas parecem ter sido aplicadas por molde. São símbolos em forma de “Y” que invariavelmente surgem gravados nos bordos das formas de açúcar. Por uma vez surge “YY”. Outro signo também presente nas cerâmicas açucareiras é em forma de “X”, do qual se registam duas ocorrências. Este signo aparece repetido em duplo “XX” apenas numa ocorrência. Devido à sua feição, como que moldada sobre o barro ainda fresco, pode colocar-se a possibilidade de se tratar de distintas marcas de oleiros. (MESQUIDA GARCIA; 1992; 238). Ainda nas formas do açúcar aparece por uma vez, num fragmento de bordo, um conjunto de doze pequenos círculos.

Algumas marcas são específicas das formas de biscoito, como já se referiu anteriormente. Não é perceptível se a sua função é decorativa ou não, no entanto poderiam classificar-se no domínio do grafito, pois algumas são figuras abstractas, impressas sobre o barro fresco com um instrumento. A tratar-se de marcas de oleiro, teriam como função identificar as peças, à saída do forno após a cozedura.





Marcas de Oleiro (?)

8. Outros Conjuntos Cerâmicos

A existência em reserva de um conjunto significativo de peças cerâmicas, até ao presente desconhecidas do público, determinou a sua referenciação neste catálogo e inclusão na exposição.

Tratam-se de cerâmicas tipologicamente semelhantes às da Mata da Machada, mas cuja proveniência é Coina e Pinhal das Formas, Moita.

Esta exposição conta ainda com algumas peças originárias do forno de Santo António da Charneca, de tipologia e cronologia análoga às anteriores, estas porém, já foram publicadas pelo autor da escavação. (BARROS; CARDOSO; GONZALEZ; 2000;74)

A arqueologia veio a confirmar a existência de alguns centros produtores de cerâmica ao nível regional, dos quais 2 se situam no concelho do Barreiro, na Mata da Machada e em Santo António. Na região foi ainda localizada a existência de mais dois, um na Moita e outro perto de Coina.⁽⁵⁾

8.1. Cerâmicas de Santo António da Charneca

O forno cerâmico de Santo António da Charneca, descoberto em 1997, oferece tipologias idênticas às da Mata da Machada no que respeita à cerâmica comum, onde constam as panelas, birlhas e formas de pão de açúcar, em loiça de pastas de tom vermelho e creme, não vidrada. Da loiça com revestimento vidrado verde ou melado, constam as malgas, escudelas, alguidares e candeias de pé alto, entre outros.

É curioso notar que numa visitaçãoeffectuada pela Ordem de Santiago à Ermida de Santo António da Charneca, datada de 1523, é referida a existência de «*quatro castiças de malega*

(5) Provenientes destes dois fornos existem peças no acervo cerâmico das Reservas Museológicas da Câmara Municipal do Barreiro, que, até à presente publicação, não haviam sido objecto de qualquer estudo.

verde e amarela», os quais podem indicar uma eventual produção local. A referência à *malega verde e amarela* pode estar relacionada com a cor do objecto, e não com o recipiente –malga – identificando deste modo, possivelmente, uma característica técnica, o vidrado.

Este forno ofereceu ainda evidências de um tipo de produção que constituiu uma autêntica novidade para a época: azulejo de aresta, em tudo semelhante à produção sevilhana (diferem na diversidade de coloração utilizada, muito mais limitada nos exemplares fabricados em Santo António). A cronologia atribuída situa-se na faixa dos séculos XV e XVI. (GONZALEZ; 2000;72)



Candeias de Pé Alto.
Santo António da Charneca

8.2. Cerâmicas de Coina

Um outro grupo de peças existentes nas Reservas Museológicas, são provenientes de uma recolha de superfície efectuada em 1983 por um particular⁽⁶⁾, perto da freguesia de Coina, na margem esquerda da ribeira que, poderá indiciar a existência de um centro de produção ainda não localizado, já que a extracção de barro naquela zona era comum em 1460, como anteriormente ficou demonstrado.

Todavia, também não é de excluir que as peças tenham sido produzidas na Mata da Machada, e acidentalmente tivessem ido parar a Coina, grande entreposto comercial e de passagem, durante toda a Idade Média.

O conjunto compõe-se de loiça esmaltada e vidrada e cerâmica comum.

(6) Estas peças foram entregues pela mesma pessoa que havia localizado o forno da Mata da Machada. Fazem parte do espólio cerâmico das Reservas Museológicas Visitáveis da Câmara Municipal do Barreiro.



Copo em cerâmica comum; Prato e Escudela com cobertura vidrada em amarelo melado



Escudelas com cobertura de vidrado, melado e verde; Prato esmaltado

Os conjuntos cerâmicos acima representados encontram analogias muito próximas das peças da Mata da Machada, no que respeita às suas características morfológicas e decorativas, admitindo-se, portanto, que todos tenham sido contemporâneos no seu funcionamento, durante

os séculos XV e XVI.

8.3. Cerâmicas do Pinhal das Formas

No Pinhal das Formas, concelho da Moita, foi identificada em 1982 uma outra estrutura de produção cerâmica que, acabou por ser destruída durante os trabalhos para abertura de uma estrada, tendo parte do espólio sido recolhido por Cláudio Torres e entregue à Câmara Municipal do Barreiro. As peças ali recolhidas, resultantes de intervenção arqueológica e recolha de superfície, compõe-se de cerâmica comum: fragmentos de taças, bordos de alguidar, bordo e parte do bojo de pequena bilha e um colo de bilha com lábio espessado. Estas últimas apresentam paredes muito finas e pasta de cor acinzentada e negra, tanto no exterior como no interior. Existem ainda duas tipologias de formas açucareiras, idênticas às da Mata da Machada. A produção de vidrados incluía alguidares com revestimento verde e decoração em cordão e fragmentos de malga esmaltada a branco.



Asa em cerâmica vidrada; Escudela esmaltada; Taça de cerâmica comum

Integradas neste conjunto, existem umas peças de aspecto singular, para as quais não se conhecem paralelos. Distinguem-se pela sua forma circular; corpo de perfil troncocónico; bordos e paredes muito espessas. Uma das extremidades apresenta acabamento modelado com lábio boleado, na outra extremidade apresenta irregularidades ou marcas de corte com um objecto não afiado.



Peças de função indeterminada

Coloca-se a hipótese de se tratar de suportes para separação das peças nos castelos de loiça dentro do forno, durante o processo de cozedura.

9. Bibliografia

- ALVES, Horácio – **A Vila do Barreiro – Ensaio para Servir de Subsídio à sua História**, ed. autor, 1940
- Arqueologia em Palmela* – 1988/92, Câmara Municipal de Palmela, 1993
- ARAÚJO; Augusto Gomes de, **Duas Palavras sobre o estado agrícola do concelho do Barreiro, 1865**, *Um Olhar sobre o Barreiro*, ed. Augusto Valegas, nº3, 1985
- BARROS Luís, CARDOSO, Guilherme, GONZALEZ, António – *Primeira Notícia do Forno de Santo António da Charneca – Barreiro*, in **Actas das I^{as} Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul**, Câmara Municipal do Barreiro, 2000
- BUARCOS, João Brandão – **Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552**, org. José da Felicidade Alves, Horizonte, Lisboa, 1990
- CARDOSO Guilherme e RODRIGUES Severino - «*Alguns tipos de Cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais*», in 1383-1385 e a Crise Geral dos Séculos XIV/XV, **Actas das Jornadas de História Medieval**, Lisboa, 1985
- CARMONA, Rosalina – **Lavradio – A Igreja de Santa Margarida 1492-1569**, Junta de Freguesia do Lavradio, 2004
- CORREIA, Virgílio - **Livro dos Regimentos dos Oficiais Mecânicos**, (1572), Coimbra, 1926
- COSTA e ALMEIDA, António Lopes – «Memória Histórico-Topographica dos Estabelecimentos de Valle de Zebro, Telha e Asinheira», in *Anais Náuticos e Coloniais*, nº 10, 4^a Série, 1844
- FERNANDES, Isabel Cristina F. e CARVALHO, Rafael - «Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa nº4 da Rua do Castelo (Palmela)», in **Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval**, Câmara Municipal de Tondela, 1995
- FERRO; João Pedro – **Arqueologia dos Hábitos Alimentares**, Dom Quixote, Lisboa, 1996
- GISBERT SANTOJA, Josep, A. –**Sucre e Borja la cayamel dels ducs**, Gandia, 2000
- GOMES, Ana e outros; - *Cerâmicas Medievais de Lisboa – Continuidades e Rupturas*, in **Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII-XIII)**, Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005
- GOMES, Mário V. e GOMES, Rosa V. – «Cerâmicas Vidradas e Esmaltadas dos séculos XIV a XVI, do Poço Cisterna de Silves», in *Xelb 3 – Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves nos Descobrimentos, Câmara Municipal de Silves, 1996
- GOMES; Rosa Varela – «Cerâmicas Muçulmanas, de Silves, dos séculos VIII e IX», in **Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval**, Câmara Municipal de Tondela, 1995
- LEAL, Ana de Sousa e VALEGAS, Augusto – «Abordagens Documentais para a História dos Moinhos do Barreiro» in **Um Olhar Sobre o Barreiro**, ed. Augusto Valegas, III Série, nº 2, 1993
- LEAL, Ana de Sousa – **O Barreiro e a Expansão Portuguesa. Imagens dos Séculos XV a XVII**, Câmara Municipal do Barreiro, 1998, 2^a ed.
- MARTINS, Artur e RAMOS, Carlos - *Elementos para Análise e Descrição de Produções*

- Cerâmicas* - in **VIPASCA**, vol 1, Câmara Municipal de Aljustrel, 1992
- MATTOSO, José – *Rumos novos* in **História de Portugal**, dir. José H. Saraiva, Alfa, II vol., Lisboa, 1983
- MAURO, Frederic - **Portugal, o Brasil e o Atlântico** – Estampa, Lisboa, 1989
- MESQUIDA GARCIA, Mercedes -« *Un pueblo alfarero medieval: Paterna (Valência) estudio etno-arqueológico y documental*» in **Actas das I^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval**, Câmara Municipal de Tondela, 1992
- OSÓRIO, Maria Isabel N. A. Pinto e SILVA, António Manuel S. P. «Cerâmicas Vidradas da Época Moderna no Porto», in **Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval**, Câmara Municipal de Tondela, 1995
- OLIVEIRA, Frei Nicolau de - **Livro das Grandezas de Lisboa**, Col. Conhecer Lisboa, Lisboa, 1991
- PROENÇA, José Caro – **Encobrimentos nos Descobrimentos**, Livro II, Câmara Municipal do Barreiro, 1998
- RAMALHO, Maria M. B. Magalhães, LOPES, Carla – «Fragmentos do Quotidiano na Santarém dos séculos X-XI», in **Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII-XIII)**, Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005
- ROSSELLÓ-BORDOY – **El nombre de las Cosas en Al-andalus: Una Propuesta de Terminología Cerámica**, Palma de Mallorca, Museo de Mallorca, 1991
- SCHÜTZ; Ilse – «Agost: pasado y presente de un pueblo alfarero», in **Actas das I^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval**, Câmara Municipal de Tondela, 1992
- SOARES, Joaquina – «*A Ponta da Passadeira e a Diversidade do Registo Arqueológico dos IV/III Milénios A.C.*», in **Actas das I^{as} Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul**, Câmara Municipal do Barreiro, 2000
- SOUSA MIGUEL, Carlos Frederico – *Biscoito*, in **Dicionário de História de Portugal**, Porto, 1990
- TORRES, Cláudio - **Cerâmica Islâmica Portuguesa**, Campo Arqueológico de Mértola, 1987
- TORRES, Cláudio - **Um Forno Cerâmico dos Séculos XV e XVI na Cintura de Lisboa. Mata da Machada – Barreiro**, s.d., Câmara Municipal do Barreiro
- TORRES, Cláudio – *A cintura industrial da Lisboa de quatrocentos Uma abordagem arqueológica*, in “1383-1384 e a Crise Geral dos séculos XIV-XV”, **Actas das Jornadas de História Medieval**, Lisboa, 1985
- TORRES; Cláudio – *A Margem Esquerda e a Cintura Paleo-industrial de Lisboa*, (texto policopiado) 1983
- VENTURA; António Gonçalves – *Dinamismos Económicos Regionais – A Margem Esquerda do estuário do Tejo nos séculos XV e XVI*. Diss. Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, [texto policopiado], 2000
- VIANA, Maria Alfreda Cruz Ribeiro – **A Margem Sul do Estuário do Tejo – Contribuição para um Projecto de Ordenamento do Território**, Tomo II, Lisboa, 1973

VIEIRA Alberto e CLODE Francisco – **A Rota do Açúcar da Madeira**, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996

10. Catálogo de Peças

1. **Grande Prato/Taça.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo de perfil horizontal com lábio de secção semicircular.

A pasta é creme amarelada. A superfície interior encontra-se revestida por esmalte verde-escuro, brilhante, de muito boa qualidade, bastante aderente, cobrindo a decoração impressa. A decoração é constituída por uma série de 14 motivos geométricos em forma de cunha ou meia-lua, enquadrados por cartela. No arranque da curvatura da parede, é visível ainda um cordão de pequenas depressões, a que se segue uma série de motivos decorativos enxaquetados, impressos, que se distinguem muito vagamente.

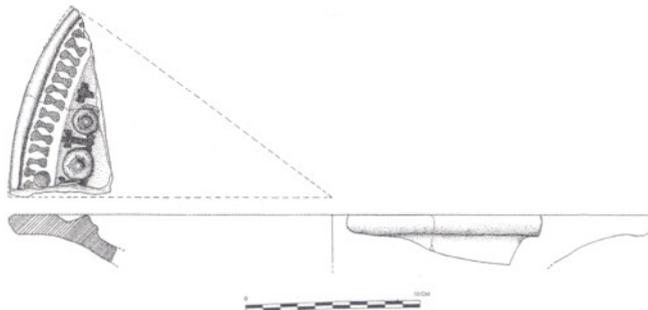
A superfície exterior não mostra qualquer revestimento.

O diâmetro é de 410 mm e a espessura média é de 0,9 mm no bordo e 0,9 mm na parede.



2. **Grande prato/ Taça.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo horizontal com lábio de secção semicircular e paredes oblíquas.

A pasta é creme. Apenas a superfície interna está coberta por esmalte verde-escuro, apesar de se expandir para o bordo e mesmo para a superfície externa, sob a forma de manchas. Nesta mesma superfície, são visíveis elementos decorativos de carácter geométrico, sob a forma de laços digitados e dois mamilos também decorados. Mostra ainda um pingo de esmalte no bordo. Tem de diâmetro do bordo 370 mm e a espessura média é de 10 mm na parede e no bordo.

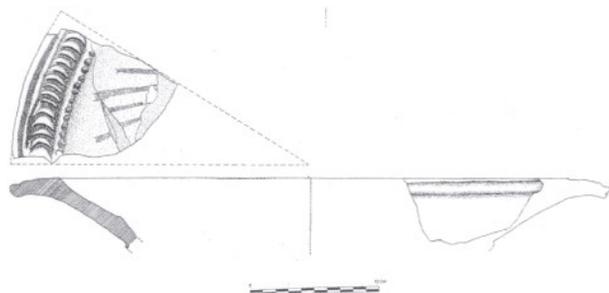


3. **Grande Prato.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Oferece bordo sub-horizontal com lábio de perfil semicircular e paredes oblíquas.

A pasta é de cor creme alaranjada. A superfície interna está coberta por esmalte verde-escuro, escorrido inclusive sobre a fractura do fragmento. Apresenta decoração digitada no bordo, consistindo em motivos de carácter geométrico, em forma de cunha ou meia-lua, enquadrados por cartela. No limiar do bordo, também é visível decoração mas digitada, sob a forma de pequenas depressões. A parede mostra uma série de quatro traços oblíquos, dispostos paralelamente. Na face interna, observa-se ainda um pedaço de trempe junto à fractura inferior do fragmento e um pingo escorrido de esmalte no lábio.

A superfície externa não apresenta revestimento de esmalte mas denota-se ainda vestígios de aguada de tom acastanhado.

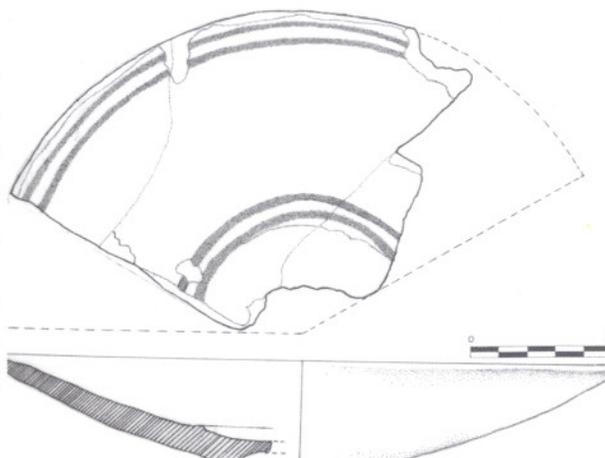
O bordo mede de diâmetro 396 mm e a espessura média é de 0,9 mm tanto no bordo como na parede.



4. **Prato.** Fragmento contendo parte do bordo, parede e fundo. Apresenta bordo ligeiramente horizontal com lábio de secção semicircular, paredes oblíquas, sub-horizontais e fundo de base côncava.

A pasta, de tom creme alaranjado. A superfície interna encontra-se revestida por esmalte branco, brilhante, de boa qualidade, bastante aderente, e apresenta duas bandas circulares concêntricas a azul de cobalto a delimitar o bordo e duas outras, também a azul de cobalto, a delimitar o fundo.

A superfície externa não mostra qualquer tipo de decoração, somente o revestimento a esmalte de cor branca, embora mais baço e com tonalidade mais acinzentada.



Mede de diâmetro 115 mm no bordo e 74 mm na base e a espessura média das paredes é de 0,9 mm, do bordo 0,5 mm e do fundo 0,5 mm.

5. **Escudela.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta corpo hemisférico, ligeiramente carenado, e bordo recto com lábio de secção semicircular.

A pasta é creme amarelada.

A superfície interna está revestida por vidro estanhífero branco de tom creme, baço mas de boa qualidade, bem aderente, e decoração de carácter geométrico, consistindo em 2 linhas circulares concêntricas a azul-escuro, contornando o bordo, e duas outras linhas circulares concêntricas no mesmo tom.

A superfície externa mostra apenas a cobertura de esmalte branco de tom creme, baço, de boa qualidade.

O bordo tem de diâmetro 146 mm e a espessura média é de 0,5 mm no bordo e 0,8 mm na parede.



6. **Escudela.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta corpo de perfil hemisférico e o bordo é vertical com lábio de secção semicircular.

A pasta é creme amarelada. Ambas as superfícies foram revestidas por esmalte branco de tom creme, extremamente aderente, de boa qualidade, apesar de estalado.

O diâmetro é de 144 mm no bordo e 42 mm no pé e a espessura média é de 0,5 mm no bordo, 0,8 mm na parede e 0,9 mm na pega.



7. **Prato.** Fragmentado mas quase completo, contendo porção de bordo, parede e fundo. Oferece bordo horizontal, de aba, paredes oblíquas e base de fundo recto com ligeiro pé. A pasta é creme alaranjada. A superfície interna encontra-se revestida por vidro plumbífero melado de tom alaranjado e apresenta duas faixas circulares concêntricas a castanho-escuro, uma contornando o limite interno da aba e outra o começo do fundo. É visível ainda uma mancha de média dimensão em tom de verde-escuro na aba do bordo e uma marca de trempe no fundo.

A superfície exterior apresenta-se desprovida de qualquer revestimento.

O diâmetro do bordo é de 248 mm e da base 90 mm. A espessura média é de 0,8 mm no bordo, 10 mm na parede e 0,3 mm no fundo.

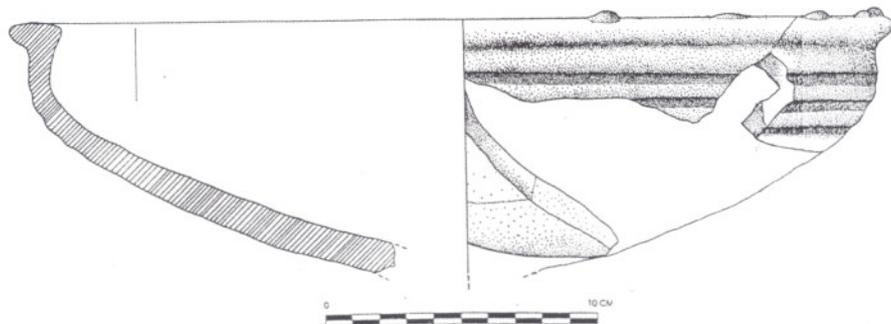


8. **Caçoila.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta corpo de perfil hemisférico, bordo extrovertido espessado interiormente, aplanado no topo, e com lábio de secção semi-circular.

A pasta é creme esbranquiçada. A superfície interior mostra revestimento de vidro castanho claro, brilhante, bastante aderente, de muito boa qualidade.

A superfície exterior oferece cobertura de vidro verde-escuro, brilhante, de muito boa qualidade, bastante aderente. Este mesmo vidro encontra-se sob a forma de pingos sobre o bordo. Podem observar-se ainda, após o bordo, 3 caneluras paralelas.

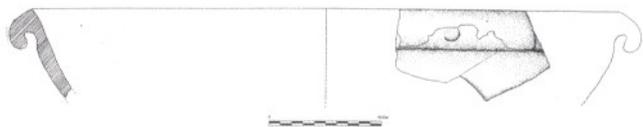
O bordo mede de diâmetro 336 mm e a espessura média é de 11 mm no bordo e 11 mm na parede.



9. **Alguidar.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo extrovertido com dupla inflexão e lábio de perfil semicircular e paredes oblíquas.

A pasta é creme amarelada. A superfície interior mostra revestimento de vidrado verde-escuro, brilhante, bastante aderente, de muito boa qualidade.

Na superfície exterior observam-se apenas escorrimentos do vidrado que cobre a face interna. Tem de diâmetro 526 mm e a espessura média é de 16 mm no bordo e 11 mm na parede.

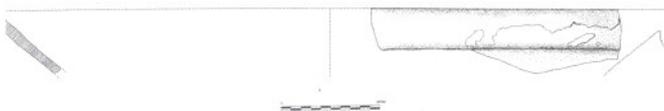


10. **Alguidar.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo extrovertido com lábio de secção semicircular e paredes oblíquas.

A pasta é creme amarelada. A superfície interior mostra revestimento de vidrado verde-escuro, por vezes com tonalidades de verde-claro, brilhante, extremamente aderente, de muito boa qualidade.

A superfície exterior não apresenta qualquer tipo de cobertura, apesar de o vidrado da face interna abranger toda a aba do bordo.

O diâmetro do bordo é de 702 mm e a espessura média do bordo é de 14mm. e 11 mm. na parede.



11. **Alguidar.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo extrovertido de perfil subtriangular, com lábio de secção semicircular.

A pasta é creme. A superfície interior foi vidrada a castanho-escuro, brilhante, já muito lascado, só quase restando a concentração de vidrado nas 2 caneluras que delimitam o bordo.

A superfície exterior não mostra qualquer tipo de revestimento.

Tem de diâmetro 610 mm e a espessura média é de 20 mm no bordo e 0,8 mm na parede.



12. **Alguidar.** Fragmento contendo porção de fundo e parede. A parede é oblíqua.

Foi fabricado com pasta creme amarelada. A superfície interior foi revestida por vidrado verde-escuro e são visíveis muitos pingos escorridos de vidrado em verde muito escuro.

A superfície exterior não mostra qualquer tipo de cobertura, exceptuando algumas manchas de vidrado.

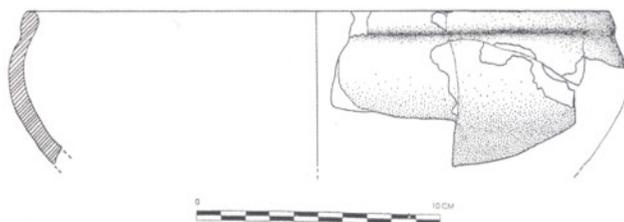
O diâmetro do fundo é de 284 mm e a espessura média é de 10 mm no fundo e 0,6 mm nas paredes.



13. **Taça.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta corpo hemisférico e bordo introvertido, ligeiramente espessado exteriormente.

A pasta é creme amarelada. A superfície interior encontra-se coberta por vidro de tom castanho claro com 3 traços verticais verde escuro, brilhante, bastante aderente, de boa qualidade. Na superfície exterior é visível o mesmo tipo de vidro, mas com 3 escorrimentos verticais a verde-escuro.

Tem de diâmetro 240 mm e a espessura média é de 0,8 mm no bordo e 0,7 mm na parede.



14. **Taça.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta corpo hemisférico e bordo vertical com lábio espessado exteriormente, aplanado no topo.

A pasta é creme avermelhada. A superfície interior apresenta vidro melado de tom esverdeado, brilhante, de muito boa qualidade, bem aderente.

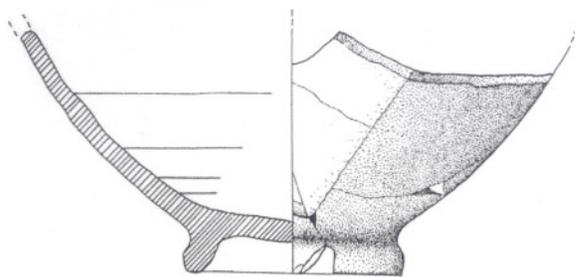
A superfície exterior mostra vidro verde, de tons entre o claro e o muito escuro, e 3 caneluras horizontais ao longo da parede. Tem de diâmetro 208 mm e a espessura média é de 0,9 mm no bordo e 0,7 mm na parede.



15. **Taça.** Fragmento contendo porção de parede e fundo. Apresenta base de pé anelar e fundo ligeiramente convexo.

A pasta é creme. A superfície interna mostra vestígios de vidrado verde-escuro e a externa encontra-se totalmente revestida por vidrado da mesma cor.

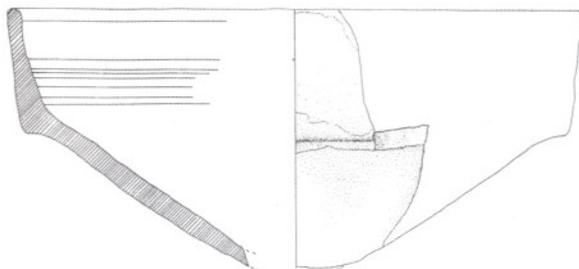
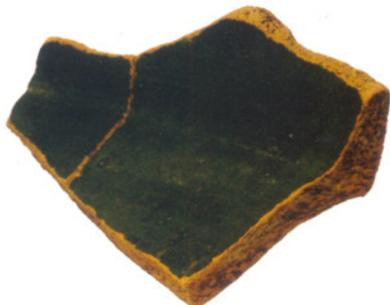
Mede 72 mm de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,6 mm.



16. **Taça.** Fragmento de grandes dimensões, contendo bordo e parede. Apresenta bordo vertical e lábio de perfil semicircular, ligeiramente aplanado superiormente. As paredes apresentam carena.

Foi fabricada com pasta de tom vermelho claro. Ambas as superfícies estão cobertas por vidrado de cor verde escura, aderente.

A peça mede 304 mm de diâmetro no bordo e a espessura média é de 0,7 mm no bordo e de 11 mm nas paredes.

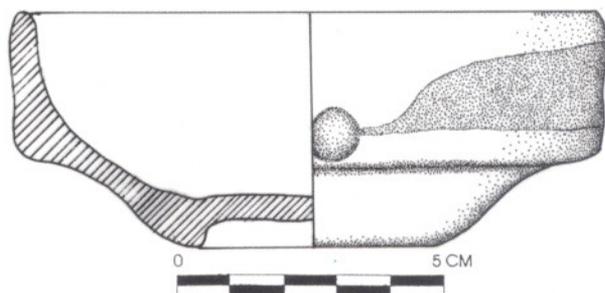


17. **Tacinha.** Peça restaurada, quase completa, contendo bordo, parede e pequena porção do fundo. Mostra corpo com ligeira carena e oferece bordo vertical com lábio de secção semicircular e base côncava.

A textura da pasta não é observável devido ao trabalho de restauro efectuado.

A superfície interna foi coberta com vidrado laranja com tons esverdeados e a superfície externa também apresenta revestimento de vidrado nesses mesmos tons mas mostra ainda um grande escorrido a vidrado verde-escuro, culminando num pingo.

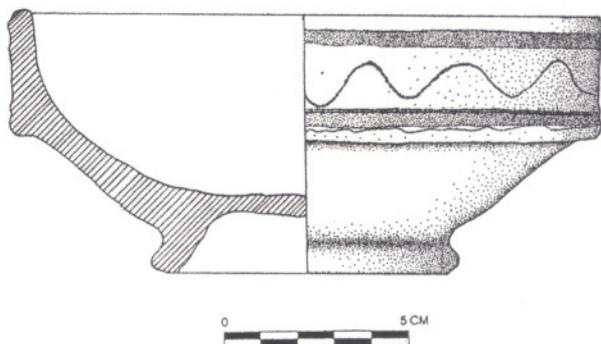
Mede de diâmetro 108 mm e a espessura média é de 0,5 mm no bordo e 0,9 mm nas paredes.



18. **Escudela.** Peça quase completa e restaurada. Oferece bordo vertical com lábio de perfil semicircular, carena alta e pé alto em anel de secção sub rectangular.

A pasta é creme amarelada, não sendo possível verificar a sua textura, dado que a peça se encontra restaurada.

Ambas as superfícies foram profusamente vidradas em tom de amarelo melado alaranjado. Na superfície exterior, é possível observar decoração que consiste em linha ondeada, contornando completamente a peça, enquadrada por cartela de duas faixas circulares concêntricas. Esta decoração foi incisa, antes da aplicação do vidrado.

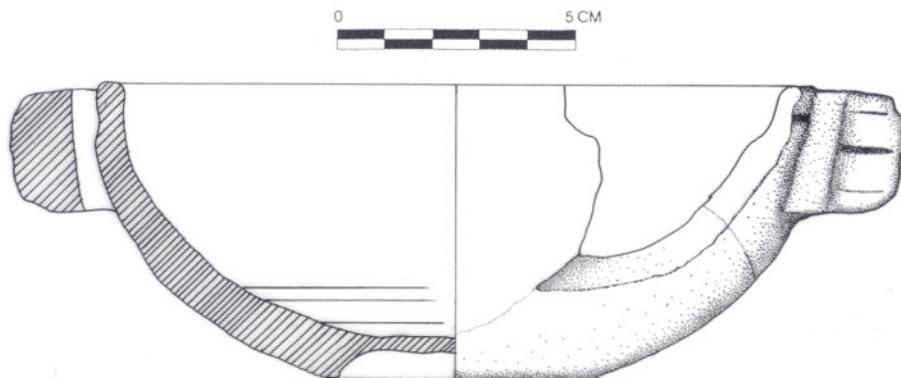


O bordo mede 158 mm de diâmetro e a base 76 mm. A espessura média é de 0,5 mm no bordo e 0,9 mm na parede.

19. **Escudela de orelhas.** Fragmento contendo porção de bordo, parede, pega, pé e fundo. Apresenta corpo hemisférico, bordo vertical com lábio de secção semicircular, base rasa de fundo côncavo e pega vertical apensa ao bordo.

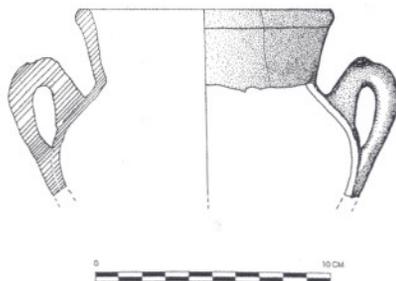
A pasta é creme amarelada. Ambas as superfícies foram revestidas de vidrado amarelo melado cujas tonalidades variam entre o amarelo-torrado e o esverdeado. Este vidrado é bastante aderente, brilhante e de muito boa qualidade.

O diâmetro é de 158 mm no bordo e 50 mm no pé, sendo a espessura média 0,5 mm no bordo, 0,9 mm na parede, 0,5 mm na pega e 0,4 mm no fundo.



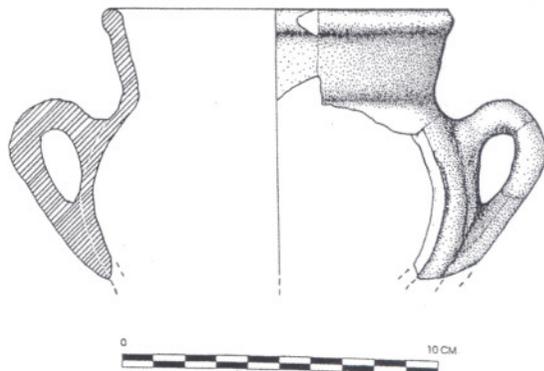
20. **Pote.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Oferece corpo de colo divergente e bordo vertical extrovertido, com lábio de secção semicircular. A asa é vertical com perfil ovalado. A pasta é creme esbranquiçada. Em ambas as superfícies pode observar-se o revestimento de vidrado verde-escuro, bastante aderente e brilhante.

O bordo tem de diâmetro 108 mm e a espessura média é de 0,6 mm no bordo, 0,5 mm na parede e 0,8 mm na asa.



21. **Pote.** Fragmento contendo porção de bordo, parede e asa. Apresenta corpo bojudo, esférico, bordo ligeiramente espessado exteriormente, com lábio de secção semicircular e asa vertical de secção oval e nervura ao centro. Foi fabricado com pasta creme esbranquiçada. Ambas as superfícies se encontram revestidas por vidro verde-escuro, brilhante, muito aderente, de muito boa qualidade.

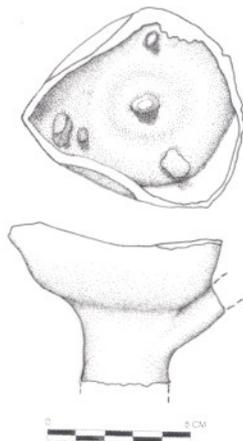
O bordo mede de diâmetro 108 mm e a espessura média é de 0,6 mm no bordo, 0,5 mm na parede e 0,9 mm na asa.



22. **Candeia de pé alto.** Fragmento contendo porção de reservatório trilobado e parte do pé tubular. É visível ainda o arranque da asa de secção ovalada, sob o reservatório. No interior do reservatório, denotam-se pedaços da base do trempe.

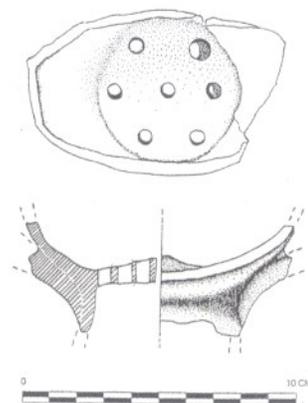
A pasta, de tom creme alaranjado. Ambas as superfícies estão cobertas de vidro verde-escuro, brilhante, de muito boa qualidade, extremamente aderente.

O pé tubular tem de espessura média 26 mm e o fragmento mede 57 mm de altura máxima.



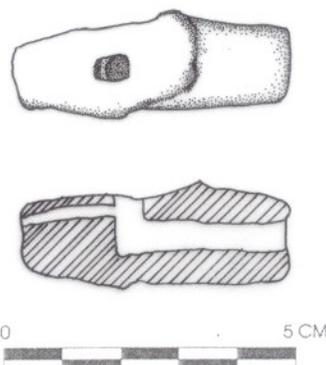
23. **Assador (?)** Fragmento contendo porção de parede, divisória e arranque de 2 pegas verticais opostas. Oferece corpo de perfil tronco-cônico, 2 asas opostas e divisória circular, perfurada por 6 orifícios dispostos em círculo e 1 sétimo ao centro.

A pasta é creme. A espessura média é de 0,5 mm na parede e 0,7mm na divisória. A largura média do fragmento é de 66 mm.



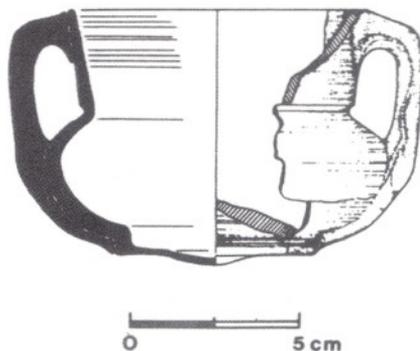
24. **Apito/Flauta.** Peça completa, apresentando o bocal, os canais de passagem do ar e o local de contacto com o suporte, possivelmente em material perecível.

A pasta é creme esbranquiçada. A superfície apresenta vestígios de vidrado verde-oliva, baço.



25. **Jarrinha.** Fragmento contendo porção de bordo, bojo e fundo. Peça restaurada. Apresenta corpo de perfil troncocónico, bojo bitroncocónico curvo, colo vertical cilíndrico com ressalto, bordo horizontal com lábio de secção semicircular, base plana e asa vertical.

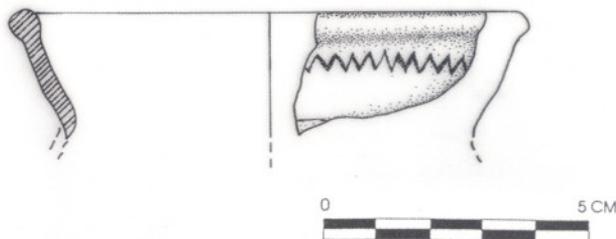
A pasta é vermelha bastante depurada. A espessura média da parede do bordo é de 0,3 mm, o diâmetro do bordo é de 76 mm e a altura exterior da peça é de 75 mm. Apresenta acabamento brunido.



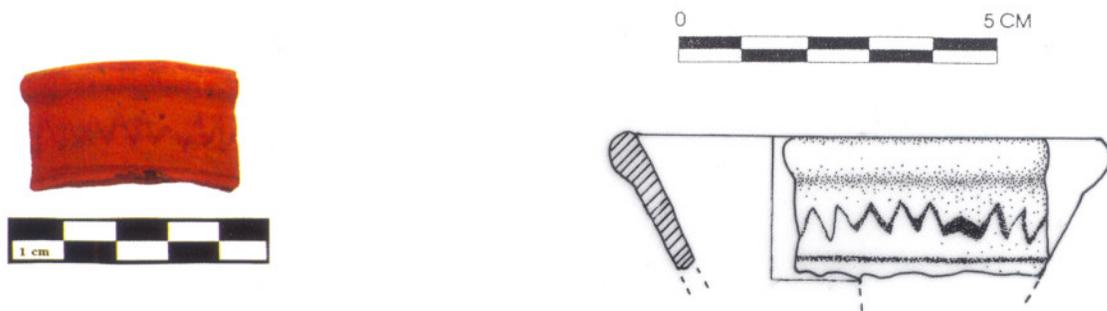
26. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo ligeiramente oblíquo, espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho.

A superfície exterior apresenta a mesma cobertura, sobre a qual assenta a decoração brunida, constituída por linha em ziguezague irregular. Neste caso, o engobe, sobre o qual se procedeu ao brunimento da superfície, já se encontra bastante deteriorado/lascado.

O diâmetro do bordo é de 86 mm e a espessura média é de 0,6 mm no bordo e 0,3 mm na parede.



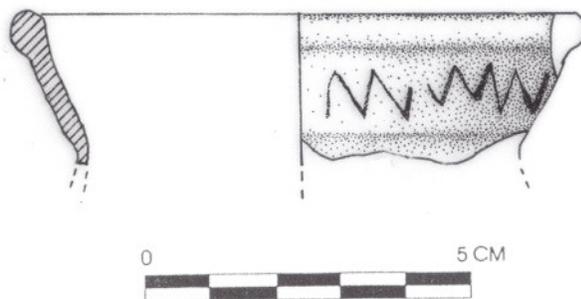
27. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo de perfil oblíquo, ligeiramente extrovertido e espessado exteriormente, com lábio de secção semicircular. A pasta é vermelha, compacta. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho. A superfície exterior apresenta a mesma cobertura, sobre a qual assenta a decoração brunida, constituída por linha única, horizontal, em ziguezague irregular. O brunimento estende-se a outras zonas do fragmento, igualmente de forma irregular. O diâmetro do bordo é de 76 mm e a espessura média é de 0,5 mm no bordo e 0,25 mm na parede.



28. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de parede. Oferece corpo de perfil hemisférico, côncavo e fechado.

A pasta é vermelha, compacta, dura, sendo de notar apenas uma fissura com 0,5 mm de comprimento.

O fragmento mostra decoração brunida na face externa em ziguezague irregular, apresentando uma parte do bordo e bojo parcialmente brunida. O bordo mede de diâmetro 82 mm e a espessura média do bordo é de 0,4 mm e a espessura média da parede é de 0,3 mm.

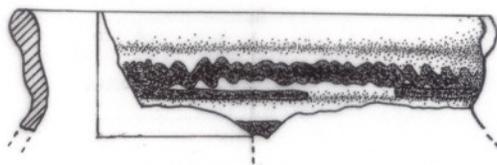


29. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo alto, ligeiramente extrovertido, com lábio de secção semicircular.

A pasta é vermelha. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho.

A superfície exterior apresenta a mesma cobertura, sobre a qual assenta a decoração brunida, constituída por traços longos, dispostos paralelamente, embora de modo irregular. O brunimento estende-se a outras zonas do fragmento, igualmente de forma irregular.

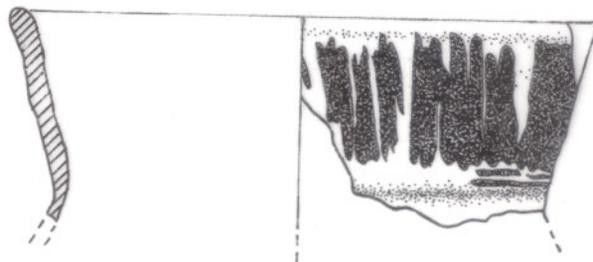
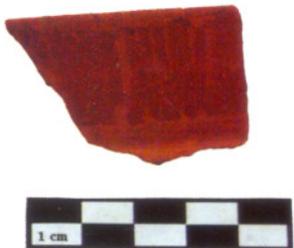
O diâmetro do bordo é de 85 mm e a espessura média é de 0,3 mm no bordo e 0,25 mm na parede.



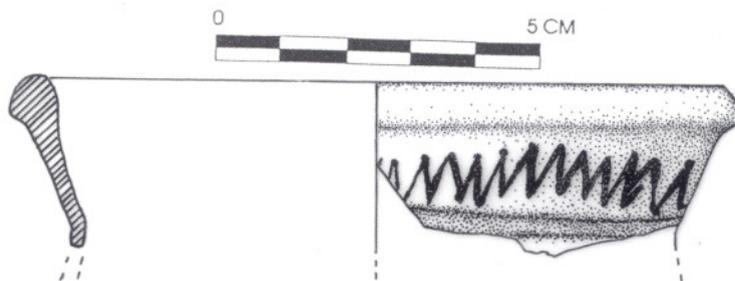
30. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo alto de perfil recto, com lábio de secção semicircular.

A pasta é vermelha, compacta, dura, sem elementos não plásticos visíveis. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho. A superfície exterior apresenta a mesma cobertura, sobre a qual assenta a decoração brunida, constituída por conjuntos de linhas verticais dispostas paralelas e irregularmente.

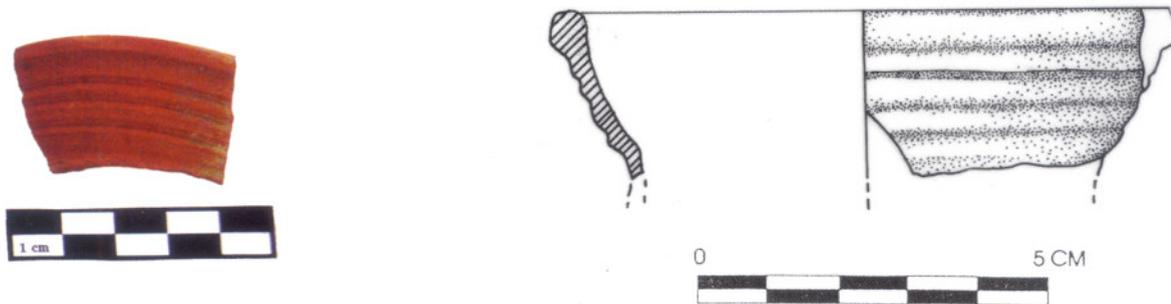
O diâmetro do bordo é de 86 mm e a espessura média é de 0,3 mm no bordo e 0,25 mm na parede.



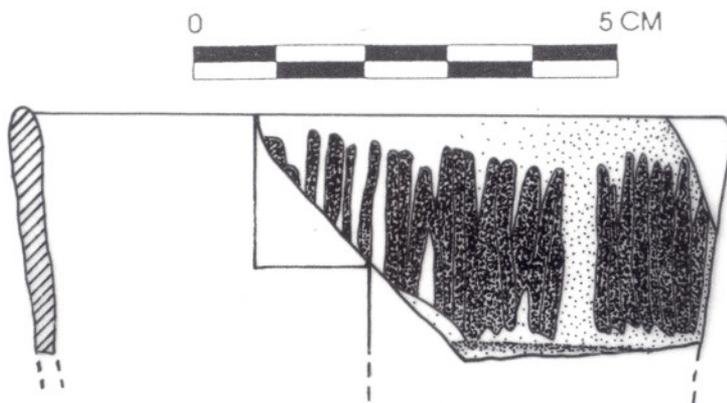
31. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo ligeiramente oblíquo, espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. A pasta é vermelha, compacta, dura, sem elementos não plásticos visíveis. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho. A superfície exterior apresenta a mesma cobertura, sobre a qual assenta a decoração brunida, constituída por linha em ziguezague irregular. O diâmetro do bordo é de 110 mm e a espessura média é de 0,7 mm no bordo e 0,3 mm na parede.



32. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo ligeiramente oblíquo, espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. A pasta é vermelha, compacta, dura, sem elementos não plásticos visíveis. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho. A superfície exterior apresenta a mesma cobertura. Neste caso, não apresenta decoração mas uma sequência de 3 caneluras horizontais, dispostas paralelamente. O diâmetro do bordo é de 90 mm e a espessura média é de 0,5 mm no bordo e 0,2 mm na parede.



33. **Jarro Pequeno.** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo ligeiramente oblíquo, espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. A pasta é vermelha, compacta, dura, sem elementos não plásticos visíveis. A superfície interior mostra revestimento de engobe vermelho. A superfície exterior apresenta a mesma cobertura, sobre a qual assenta a decoração brunida, constituída por linhas verticais irregulares. O diâmetro do bordo é de 90 mm e a espessura média é de 0,5 mm no bordo e 0,3 mm na parede.

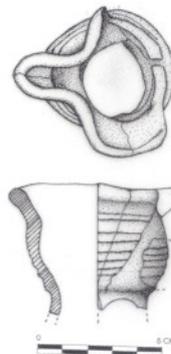


34. **Almotolia (?).** Fragmento contendo porção de bordo e parede. Apresenta corpo de configuração globular, bordo extrovertido e espessado exteriormente, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricada com pasta laranja escuro, porosa, sendo visível a presença de muitos elementos não plásticos de grão médio.

Nenhuma das superfícies apresenta qualquer revestimento. Na face externa, contudo, é visível o arranque de asa e a decoração com caneluras.

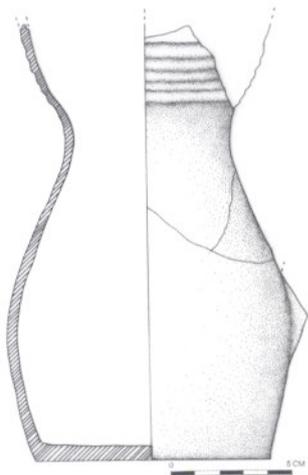
O diâmetro é de 60 mm e a espessura média é de 0,6 mm no bordo e 0,4 mm na parede.



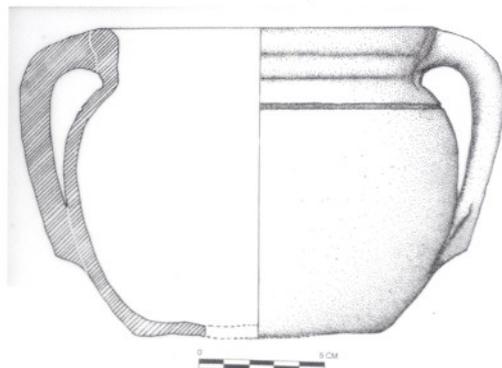
35. **Infusa.** Fragmento contendo porção de parede, arranque de asa e fundo. Apresenta corpo globular e fundo plano.

A pasta é creme laranja claro, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão fino. Nenhuma das superfícies apresenta revestimento. Na superfície externa, são visíveis as caneluras antecedendo o bordo, bem como o arranque da asa, perto do fundo.

De referir que a peça se encontra estalada (durante o processo de cozedura). O diâmetro do fundo é de 100 mm e a espessura média é de 0,3 mm na parede e 0,6 mm no fundo.



36. **Panela.** Fragmento contendo porção de bordo, parede, asa e fundo. Apresenta bordo espessado, ligeiramente espessado e demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular. A asa é vertical, partindo do bordo e findando perto do fundo e apresenta secção ligeiramente ovalada.



A peça não apresenta qualquer tipo de revestimento. Não é possível verificar a textura ou coloração da pasta porque a peça já se encontra restaurada, mas em ambas as faces apresenta cor vermelha.

O bordo mede de diâmetro 138 mm e a espessura média é de 11 mm no bordo, 12 mm na asa e 0,6 mm na parede.

37. **Frigideira.** Fragmento contendo porção de bordo, parede, pega e fundo. Apresenta bordo extrovertido, com lábio de secção semicircular, duas pegas horizontais opostas, e fundo de perfil convexo.

Não é possível verificar a textura ou coloração da pasta porque a peça já se encontra restaurada. Ambas as superfícies se encontram desprovidas de revestimento, mas a face interna encontra-se afagada/brunida em toda a sua extensão. No geral, a peça mostra vestígios de forte exposição ao fogo – mas provavelmente por inutilização.

O diâmetro é de 240 mm no bordo e a espessura média é de 0,6 mm na parede, 11 mm na pega e 0,5 mm no fundo.



38. **Frigideira.** Fragmento contendo porção de parede. Apresenta lábio de secção semicircular, A pasta é vermelha, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão médio. A superfície externa encontra-se brunida e a interna apresenta vestígios de revestimento brunido.

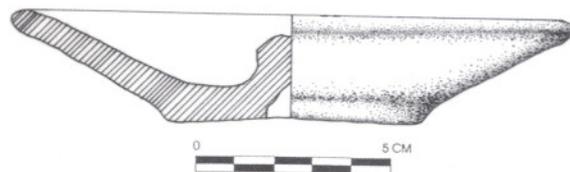
O diâmetro é de 205 mm no bordo e a espessura média é de 12 mm no bordo.



39. **Testo.** Fragmento contendo porção de bordo, parede, pega e fundo. Apresenta bordo de perfil sub-horizontal, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado, pega em botão e fundo plano – a reentrância visível é um defeito.

Não é possível verificar a textura ou coloração da pasta porque a peça já se encontra restaurada. Ambas as superfícies não mostram qualquer tipo de revestimento.

O diâmetro é de 142 mm e a espessura média é de 0,6 mm no bordo, 0,75 mm na parede e 19 mm na pega.

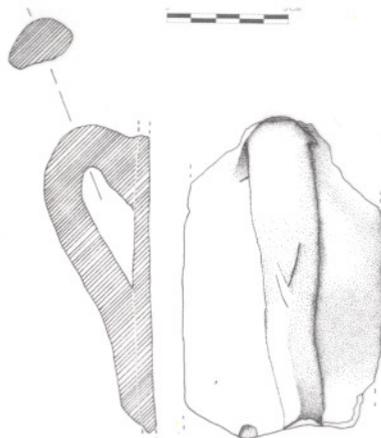


40. **Asa.** Fragmento contendo porção de parede e asa de secção ovalada. Apresenta parede recta.

A peça não mostra qualquer tipo de revestimento.

Foi fabricada com pasta laranja, compacta, dura, sendo visíveis elementos não plásticos de grão fino a médio.

A espessura média é de 0,6 mm na parede e 62 mm na asa.



41. **Forma de Biscoito.** Fragmento contendo porção de bordo e base. Apresenta bordo introvertido, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta creme avermelhado, compacta – apesar de tudo, é visível uma fissura com 0,6 mm de comprimento -, dura, com elementos não plásticos de grão médio.

Não existe qualquer tipo de revestimento, mas na face interna podem observar-se parte de três círculos concêntricos em relevo.

O bordo mede de diâmetro 558 mm e a espessura média é de 11 mm no bordo e 16 mm no fundo.



42. **Forma de Biscoito.** Fragmento contendo porção de bordo e base. Apresenta bordo introvertido, com lábio de secção semicircular, ligeiramente aplanado superiormente.

Foi fabricado com pasta vermelho claro, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão fino a médio.

Não existe qualquer tipo de revestimento, mas na face interna pode ver-se uma parte da decoração impressa, composta por uma linha ondulada – e mais três círculos concêntricos.

Nota para o estado de conservação do fragmento, bastante deteriorado, sendo que apenas está presente uma pequena parte do fundo.

O bordo mede de diâmetro 580 mm e a espessura média é de 11 mm no bordo e 16 mm no fundo.



43. **Forma de Biscoito.** Fragmento contendo porção de base. Apresenta fundo plano.

Foi fabricado com pasta vermelha, compacta, muito dura. A extremidade apresenta pigmentação cinzenta clara. Não existe qualquer tipo de revestimento, mas na face interna apresenta decoração impressa na pasta antes da cozedura.

A espessura média da base é de 16 mm.



44. **Forma de Biscoito.** Fragmento contendo porção de bordo e base. Apresenta bordo introvertido, com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado interiormente.

Foi fabricado com pasta vermelho acastanhado, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão médio.

Não existe qualquer tipo de revestimento, mas na face interna pode ver-se uma parte da decoração impressa, composta por linha ondulada – que, provavelmente, teria seguimento de forma circular e concêntrica.

O bordo mede de diâmetro 340 mm e a espessura média é de 15 mm no bordo e 0,9 mm no fundo.



45. **Forma de Biscoito.** Fragmento contendo porção de base. Peça restaurada. Apresenta base plana.

Foi fabricada com pasta vermelho claro, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão fino a médio. São visíveis algumas fissuras (média de 0,4 mm de comprimento).

Não existe qualquer tipo de revestimento, mas na face interna pode ver-se uma parte da decoração impressa, composta por 3 linhas que combinam a impressão com a incisão, irradiando do centro em direcção aos sulcos que se dispõem em círculos concêntricos (4 no total).

A espessura média é de 13 mm.

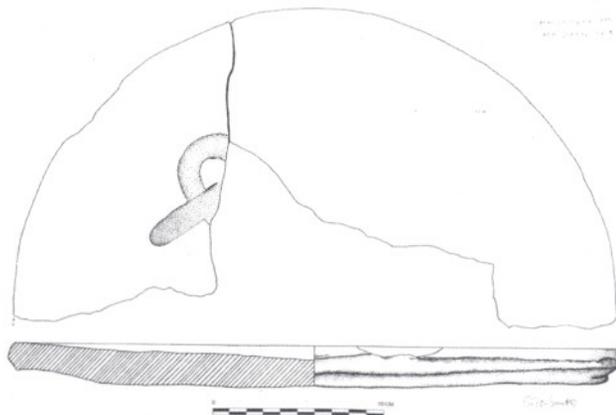


46. **Forma de Biscoito.(?)** Fragmento contendo porção de bordo e base. Apresenta bordo plano, com lábio de secção semicircular.

Foi fabricado com pasta laranja, compacta, dura, com muitos elementos não plásticos de grão médio a grande (incrustações de cerâmica vermelha e branca – diâmetro médio: 0,5 mm).

A face interna mostra revestimento de engobe cinzento escuro, disposto de forma irregular (não ocupa toda a peça). A decoração é composta por uma marca impressa na pasta antes da cozedura – (caracteres?.)

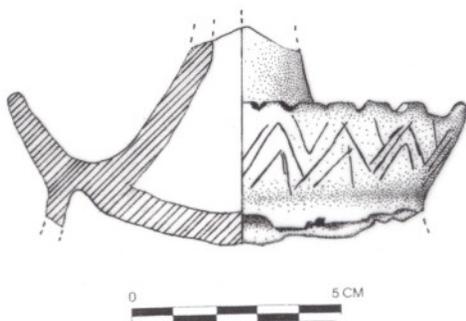
O bordo mede de diâmetro 360 mm e a espessura média é de 18 mm no bordo e 18 mm no fundo.



47. **Tampa/Topo de Bilha (?).** Foi fabricada com pasta creme, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão médio.

Não existe qualquer tipo de revestimento, trata-se de uma peça em cerâmica comum, mas na face externa pode ver-se decoração incisa em ziguezague, acompanhando a tampa toda ao redor. Põe-se a hipótese de se tratar do topo de uma bilha decorada (provavelmente, para conter líquidos).

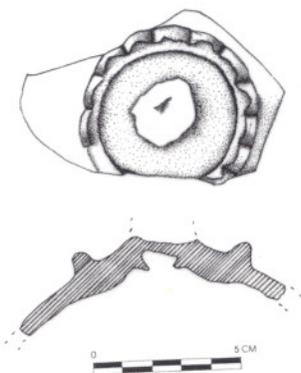
A espessura média é de 0,7 mm na parede.



48. **Tampa.** Foi fabricada com pasta creme, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão fino a médio.

Apresenta, na face externa, uma cobertura constituída por engobe de cor branca que, actualmente, já se encontra lascada. No topo, aparenta ter comportado uma pega, entretanto desaparecida. Circular e concentricamente à pega, podemos observar uma série de alvéolos em relevo.

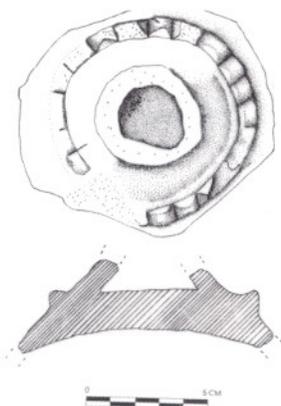
A espessura média é de 0,6 mm na parede.



49. **Tampa(?).** Foi fabricada com pasta creme, relativamente porosa – presença de pequena quantidade de óxido de cálcio -, com elementos não plásticos de grão médio.

Nenhuma das faces, externa ou interna, apresenta qualquer tipo de revestimento. O topo da tampa encontra-se truncado e apresenta uma série de alvéolos disposta de forma circular concêntrica em torno da zona truncada.

A espessura média da parede é de 11 mm.



50. **Assador/Fogareiro.(?)** Fragmento contendo porção da grelha.

Foi fabricado com pasta vermelho escuro, compacta, dura, com elementos não plásticos de grão fino a médio.

Não existe qualquer tipo de revestimento.

A espessura média da parede do fragmento é de 0,75 mm.

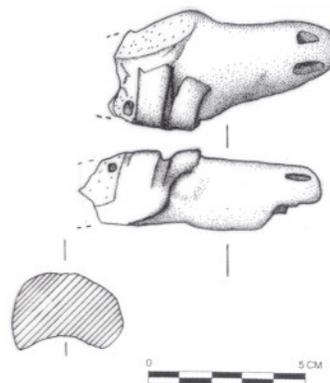


51. **Cavalo.** Fragmento de peça decorativa avulsa, constituída pela cabeça de um equídeo.

A peça não mostra qualquer tipo de revestimento mas denota-se intenção decorativa. São visíveis as crinas, uma delas aproveitada para constituir um dos olhos, e as narinas construídas a partir de dois sulcos profundos no focinho. Encontra-se fragmentada ao nível da mandíbula superior.

Foi fabricado com pasta laranja, compacta, dura, sendo visíveis elementos não plásticos de grão médio.

A largura média é de 28 mm na parede e a espessura média é de 18 mm.

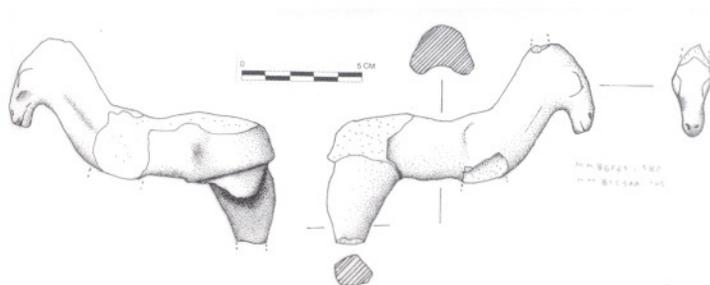


52. **Cavalo.** Fragmento de peça decorativa avulsa, constituída pela cabeça, corpo e coxa de um equídeo.

A peça não mostra qualquer tipo de revestimento mas denota-se intenção decorativa. Encontra-se truncada ao nível das orelhas, das pernas e do dorso, mas são visíveis os olhos e a boca estilizados e as narinas.

Foi fabricado com pasta creme alaranjada, compacta, dura, sendo visíveis elementos não plásticos de grão médio.

A espessura média é de 13 mm no pescoço, 21 mm na perna, 21 mm no torso e 0,9 mm no focinho.

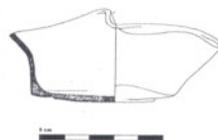
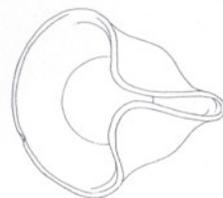


53. **Barril.** Constituído por dois fragmentos contendo parte do gargalo e do bojo. Apresenta bordo extrovertido, com lábio de secção semicircular, pega vertical de secção ovalada. Foi fabricado com pasta creme, dura. Não apresenta qualquer revestimento. A face interna mostra estrias verticais, provocadas pelo fabrico em torno rápido.

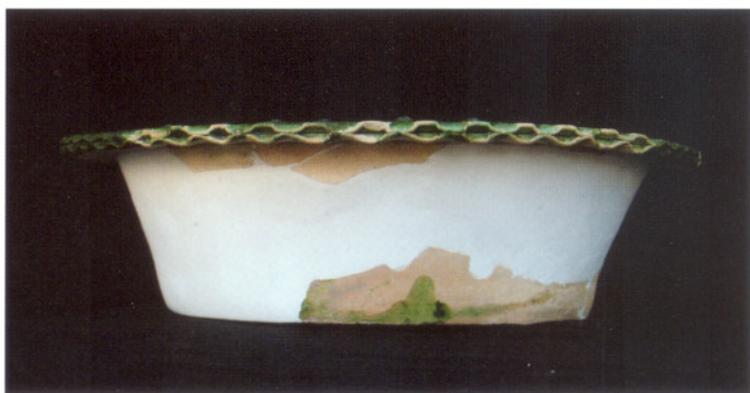
A espessura média é 11,3 mm no bojo e 17,9 mm no lábio. O comprimento máximo do fragmento é de 194mm e a largura máxima é de 166mm. A peça encontra-se em fase de reconstituição.



54. **Candeia.** Peça completa. Não existe qualquer tipo de revestimento, trata-se de uma peça em cerâmica comum. Tem motivos decorativos compostos por dois sulcos que acompanham a curvatura da base e um sulco na parte superior. Foi fabricada com pasta vermelha compacta, dura. As extremidades apresentam pequenas lascas, As dimensões máximas do exterior são 350mm; a altura exterior é de 29,4 mm e a espessura média das paredes é de 2,7 mm.



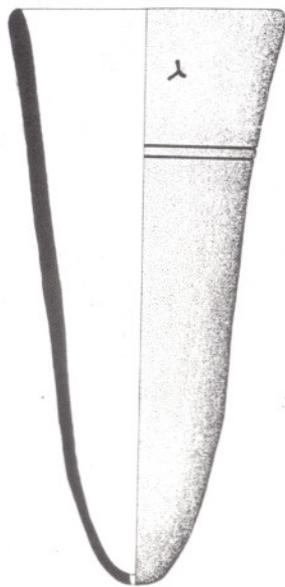
55. **Grande prato/ Alguidar.** Peça restaurada a partir do fundo, e paredes laterais. Oferece bordo sub-ho-rizantal com lábio de secção vertical. A pasta é creme clara no exterior, com pingos de vidrado verde escorridos. A superfície interna está coberta por esmalte verde escuro escorrido, e em alguns pontos apresenta tons mais claros. Apresenta decoração digitada no bordo sob a forma de pequenas depressões e motivos de carácter geométrico em banda que acompanham o movimento digitado; na parte interna do bordo apresenta círculos concêntricos. Em alguns pontos do bordo sobressaem pequenas saliências provocadas por pingos de vidro. O diâmetro interior médio é de 350mm, exteriormente é de 430mm. A largura média do bordo é de 40mm e a espessura é de 12mm. A altura exterior é de 122mm e interior 107,5mm.

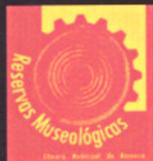


56. **Copo.** Fragmento contendo base completa, haste e arranque do bojo. A pasta, é vermelha muito compacta. As superfícies interna e externa não apresentam qualquer cobertura. O diâmetro da base é 55mm e a altura é de 67,7mm. A espessura máxima da parede é 6,5 e a mínima é de 4,8.



57. **Forma de Pão de Açúcar.** Peça completa. De configuração troncocónica; boca ampla; paredes grossas divergentes; lábio boleado; base perfurada por pequeno orifício circular. A pasta é vermelha compacta, dura, com elementos não plásticos de grão fino a médio. Não existe qualquer tipo de revestimento. Mostra decoração na face externa podem com dois sulcos dispostos a toda a volta da peça. Junto ao bordo tem uma marca em forma de «Y». A altura da peça é de 367mm, o diâmetro exterior da boca é de 203mm, e a espessura média da parede é de 18mm.





Apoio:  **Recer**
CONSELHO DE RECURSOS CULTURAIS